MSC

IX

MOSTRA SESC
DE CINEMA

2026

Sesc
CNC Senac
80 ANOS

RIO DE JANEIRO
SESC | SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO NACIONAL

2026

MSDOC

IX

MOSTRA SESC
DE CINEMA

Sesc | Serviço Social do Comércio

Presidência do Sistema CNC-Sesc-Senac
José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL
Direção-Geral
José Carlos Cirilo

Diretoria de Saúde, Cultura, Lazer e Assistência
Diana dos Santos Abreu (interina)

Diretoria de Educação, Pesquisa e Dados
Érlei José de Araujo (interino)

Diretoria de Operações Compartilhadas
Alan Carlo Lopes Valentim (interino)

Conteúdo
Gerência de Cultura
Leonardo Minervini (interino)

Equipe de Audiovisual
Lorran Dias
Wagner Bettero

Consultora externa
Luana Lauxx

Editorial
Assessoria de Comunicação
André Valle

Coordenação editorial
Camilla Savoia

Produção editorial
Jeane Borges

Coordenação de Planejamento, Atendimento e Design
Daniele Ornelas

Projeto gráfico e diagramação
Luciane Sampaio
Taiana Granja

Planejamento e Atendimento
Patricia Avolio

Produção gráfica
Marcio Mendonça

©Sesc Departamento Nacional, 2026
Telefone: (21) 2136-5555
sesc.com.br

Distribuição gratuita, venda proibida.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 9/2/1998.

Os textos são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, a opinião do Sesc.

CURADORIA 2026

ACRE
Alesandro Gondim da Frota
Franklin Therezino Pinheiro da Silva Sobrinho
José Edgar Ferreira Neto

ALAGOAS
Fabrício Barros
Larissa Lisboa
Samuel Cabral

BAHIA
Elem Pitombo
Erica Daniela Santos
Marta Rios
Nathalia Borges
Romário Almeida

DISTRITO FEDERAL
Andréa Campos
Andrei Linhares
Graziella Antunes

ESPÍRITO SANTO
André Félix
Francinardo Luiz de Oliveira
Honório de Paula Rocha Filho

MARANHÃO
Davi Portela Coelho
Brena Maria Amorim Santos
Fábio Enéas Azevedo de Oliveira

MINAS GERAIS
Camilla Rocha
Caroline de Almeida Costa
Juan Pablo Ferreira
Larissa Scarpelli Viana
Magda Amélia Souza dos Santos
Patricia Vieira Viana
Rayane Rossette
Renan Eduardo Neres Silva

MATO GROSSO
Juliana Loiola Araujo
Natalia Noemia Carvalho Ramires
Victória Pereira de Araújo
Vitoria Ramirez Zanquetta

MATO GROSSO DO SUL
Cassia Helena Mazzei de Campos
Fabio Mota Queiroz
Wagner Bettero

PARÁ
Fillipe Augusto Rodrigues Costa
Ianne Monteiro Ferreira
Josimar Olavo Dantas
Marciane Novais Sousa
Suelen Cristina Nino Fernandes

PARAÍBA
Bruno Pacelly Monteiro da Costa
Carine Fiuza Ferreira

PARANÁ

Ana Paula Málaga Carreiro
Edson Ferreira Godinho Filho
Juliana Luiza Choma
Waleska Antunes

PERNAMBUCO

Bia Pankararu
Igor Karlos
Laura Carícia
Nathalia Flor
Robério Brasileiro
Tacio Russo

RIO DE JANEIRO

Cynthia Araujo Fernandes Lack
Gleyser Ferreira
Hussan Fadel Silvestre
Leandro Luz
Marcelle Pontes
Rodrigo Caê
Valdomiro Meireles
Wagner Bettero

RIO GRANDE DO NORTE

Abner Aniel de Souza Mendonça
Francisco das Chagas Gaudêncio
Maria Dolores de Araújo Vicente
Pedro Balduino de Freitas Ausquia

RIO GRANDE DO SUL

Anderson Mueller
Bianca de França Zasso
Claiton Luís Mosmann
Daniel Reis Rodrigues
Elke Bahi Santana Pedroso
Isabela Fernanda Azevedo Silveira
Maitê Schilling Medeiros Venzon

RONDÔNIA

Ana Angélica da Costa Menezes
Juliano Araújo

RORAIMA

Abimael Sousa Maia
Leilton Saldanha Santos
Levy Ferreira Brasil Brito
Rafael Hans Miller Lima
Sabrina Santana Jacome

SANTA CATARINA

Ana Carolina Nishino Gomes do Amaral
Kamila Debortoli
Valdemir Klamt
Valeska Bittencourt

SÃO PAULO

Branca Zilberleib
Cecília De Nichile
Marcus Bellizzi
Nadia Mangolini
Sabrina Tenguan
Thais Scabio

TOCANTINS

Almiceia Larissa Diniz Borges
Gabriel Dias
Thuanny Vieira

INFANTOJUVENIL

Allicy Regina Moraes Silva
Cláudia Patrícia de Oliveira Borges Costa
Elisa Fernanda da Silva Rondon
Lourena Vitória da Silva Campos
Marina Isadora Santos Costa
Rafael Daniel Pereira do Carmo
Rayany Vitória Arruda Oliveira

A atuação do Sesc contribui para o bem-estar e a qualidade de vida de milhões de trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e da sociedade em geral, alcançando pessoas de diferentes faixas etárias em todos os estados do Brasil. Assim como suas realizações nas áreas de Educação, Saúde, Lazer e Assistência, o trabalho no campo da Cultura causa impactos que transcendem seus participantes diretos, mobilizando identidades, valores e economias nos territórios onde atua.

Os curadores da Mostra Sesc de Cinema, já em sua nona edição, enfrentam o desafio de lidar com uma produção cinematográfica cada vez mais numerosa — em grande parte independente —, que dá visibilidade a múltiplas experiências, memórias, demandas e saberes. As atuais possibilidades de gravação e edição, viabilizadas até mesmo por pequenas câmeras digitais e celulares, ampliam as formas de expressão e comunicação de uma gama cada vez maior e mais diversa de realizadores. Faz parte da missão do Sesc contribuir para que esses produtores tenham acesso a mais informações, técnicas e tecnologias, bem como fortalecer as oportunidades de difusão de suas criações — na medida em que isso tem relação direta com a elevação da qualidade de vida desses indivíduos, de seus públicos e de suas respectivas comunidades.

Por meio de ações de fomento, difusão e formação em audiovisual, artes cênicas, arte-educação, artes visuais, biblioteca, literatura, música, memória social e patrimônio cultural, o Sesc integra públicos e realizadores, fortalecendo os diferentes territórios e culturas que compõem o nosso imenso país.

Departamento
Nacional do Sesc

10 APRESENTAÇÃO

13 PANORAMA BRASIL

108 PANORAMA INFANTOJUVENIL

147 DESTAQUE PANORAMA ESTADUAL

A Mostra Sesc de Cinema chega à sua nona edição reafirmando o compromisso com a valorização da produção audiovisual brasileira. O objetivo é ampliar, para os trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e para a população em geral, o acesso a uma filmografia que reflita a diversidade de narrativas, territórios, identidades e expressões culturais do país.

Nesta edição, foram inscritos 1.904 filmes de todas as regiões do país. Desse universo, 260 obras foram selecionadas para compor as mostras nacional, estaduais e infantojuvenil — um recorte que evidencia a riqueza e a pluralidade da produção audiovisual contemporânea.

A Mostra Nacional será realizada entre os dias 30 de setembro e 1º de outubro de 2026, na cidade de Cataguases, em Minas Gerais. A programação reunirá exibições dos Panoramas Brasil e Infantojuvenil com a presença de realizadores e realizadoras, promovendo o diálogo com o público por meio de debates após as sessões, rodas de conversa e outras atividades formativas ao longo do evento.

O Panorama Brasil apresentará produções de 20 estados e do Distrito Federal, enquanto o Panorama Infantojuvenil reunirá dez filmes de nove estados, compondo uma mostra dedicada às infâncias e às juventudes em suas múltiplas experiências, perspectivas e formas de representação.

Este catálogo reúne os filmes selecionados para a Mostra Nacional — Panorama Brasil e Panorama Infantojuvenil —, escolhidos em processos de curadoria realizados em cada estado brasileiro. Essa metodologia fortalece a participação dos territórios

na construção da programação, reconhece seus agentes culturais como protagonistas de suas próprias narrativas e consolida a Mostra Sesc de Cinema como um espaço de construção coletiva, pautado na descentralização, na diversidade e na democratização do acesso à cultura. A publicação traz ainda textos produzidos pelas curadorias, oferecendo ao público diferentes perspectivas sobre as obras e os contextos que atravessam a seleção.

Ao percorrer essa programação, marcada pela diversidade de temas, sotaques, linguagens, estéticas e territórios, o público é convidado a ampliar seu olhar sobre questões contemporâneas, vivenciar novas experiências cinematográficas e participar de encontros que aproximam realizadores, pesquisadores e espectadores em torno do cinema brasileiro.

Nesse contexto, o audiovisual reafirma sua potência como linguagem artística e instrumento de diálogo, capaz de estimular reflexões, promover o intercâmbio de saberes e fortalecer vínculos entre diferentes comunidades. Atenta às transformações do presente, a Mostra Sesc de Cinema afirma-se como um espaço de encontro presencial, gratuito e acessível, comprometido com a formação de público e com a democratização da cultura.

Mais do que uma mostra de filmes, o projeto constitui um importante instrumento de circulação, difusão e valorização do audiovisual brasileiro. Ao conectar diferentes regiões do país por meio das telas, o Sesc fortalece artistas, coletivos e produtoras independentes, fomenta a circulação de obras, incentiva a articulação entre profissionais do setor e amplia o acesso da sociedade à diversidade da produção cinematográfica nacional.

BRASIL

PANORAMA

ACRE

Se durante décadas a produção audiovisual esteve condicionada às limitações geográficas, técnicas e econômicas impostas pela distância dos grandes centros produtores do país, hoje observamos o fortalecimento de uma cinematografia que encontra justamente no território amazônico sua principal potência criativa. A floresta, os rios, as cidades de fronteira, os povos indígenas, as comunidades tradicionais e as transformações sociais do estado deixaram de ser apenas cenários para se tornarem sujeitos ativos das narrativas produzidas no Acre — prova de que o cinema acreano vive um dos momentos mais significativos de sua trajetória.

O processo curatorial da IX Mostra Sesc de Cinema nos permitiu, mais uma vez, nos entregar a obras que revelam um movimento consistente de valorização da memória, da oralidade e dos patrimônios culturais da Amazônia Sul-Ocidental. Filmes que registram histórias transmitidas entre gerações, documentam saberes ancestrais e reafirmam identidades muitas vezes invisibilizadas. Eles reposicionam mulheres, povos originários, trabalhadores da floresta e lideranças comunitárias como protagonistas de suas próprias narrativas, rompendo com olhares externos de longa data associados à representação da região. O que emerge desse conjunto de produções é um cinema que não busca apenas representar a Amazônia, mas refletir sobre ela a partir de dentro ao transformar memória em linguagem, tradição em invenção e pertencimento em gesto político. As imagens produzidas no Acre reafirmam que a floresta não é apenas paisagem, mas arquivo vivo de conhecimentos, afetos e disputas que continuam moldando o presente e imaginando futuros possíveis.

Entre os curtas e longas-metragens avaliados, percebe-se a trajetória do audiovisual acreano ligada de modo direto aos processos de valorização cultural e fortalecimento da cidadania que marcaram a história recente do estado. Embora distintos em linguagem, temática e abordagem estética, os trabalhos selecionados compartilham uma forte conexão com questões que atravessam a realidade amazônica: observa-se o anseio de preservação da memória oral e do patrimônio imaterial acreano, a valorização dos saberes tradicionais, o desbravamento de novas estéticas audiovisuais e a urgência da pauta climática. Mais do que documentar a realidade, os realizadores acreanos têm contribuído para ampliar a compreensão sobre as múltiplas Amazônias que coexistem no território.

A IX Mostra Sesc de Cinema desempenha papel fundamental no fortalecimento do audiovisual brasileiro, daquele “Brasil com S” gritado, rasgado e potente, ampliando a circulação de obras produzidas nos estados e valorizando narrativas construídas a partir das diferentes realidades deste país continental. Para além do que um espaço de exibição, a MSDC atua como instrumento de democratização cultural, formação de plateias e reconhecimento de produções. Que esta mostra seja um convite para percorrer esses territórios de afeto, resistência e imaginação, permitindo que cada filme nos conduza por histórias que nascem em diferentes estados, mas ecoam muito além de suas fronteiras.

José Edgar Ferreira Neto
Alesandro Gondim da Frota
Franklin Therezino Pinheiro da Silva Sobrinho

VERIANA

SINOPSE

25 MIN
DOC
2024

L

Aos 92 anos, Veriana Brandão é uma voz de lucidez a ser ouvida. Uma das mais antigas discípulas do Mestre Irineu (fundador da doutrina do Daime), miúda e forte, era chamada de cigarra quando criança pelo canto poderoso, apelido dado pelo próprio Mestre, que em vida tratou de passar ensinamentos que guiam até hoje os caminhos de Veriana e suas famílias. Dentro da doutrina fundada por Irineu Serra, a música tem um papel fundamental por meio dos hinários, canções religiosas conhecidas a fundo por Veriana. Além da reza cantada, muitas vidas foram aparadas por suas mãos de parteira. Conhecedora de ervas e benzimentos, ela foi instrumento de cura. Cultivou a terra e uma linhagem de saberes honrados por sua família. O documentário *Veriana* acompanha a matriarca para captar o ritmo de sua existência. A família Brandão é apresentada como uma árvore genealógica robusta e vibrante. Nos preparativos da festa de aniversário de 92 anos, entre memórias e celebrações, a narrativa se constrói num fluxo que mistura a ancestralidade e o cotidiano no legado familiar. Com direção de Juliana Machado e produção da Breu Filmes, o filme é um mergulho na oralidade, na cultura acreana, pela perspectiva de uma família negra amazônica.

MINIBIO DIREÇÃO

Juliana Machado é jornalista, diretora e produtora audiovisual atuante no mercado cultural há 15 anos. Tem experiência com trabalhos audiovisuais de diversos gêneros e formatos, como séries documentais, médias e longas-metragens documentais, de ficção e animação. Assina a direção dos documentários *Peregrina*, *Osmarina* e *Veriana*, que costuram os temas sobre o feminino, espiritualidade, identidade, memória, em especial sobre mulheres amazônicas.

ROTEIRO
Jamilssa e Juliana Machado

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Isabelle Amsterdam

PRODUÇÃO
Breu filmes e J B P MACHADO

ELENCO
Veriana da Silva Brandão, Clodomiro Brandão de Lima, Elismar Brandão de Lima, Germano do Carmo Brandão, José Brandão de Lima, Leilande Granjeiro de Lima, Luiz Granjeiro Brandão de Lima, Manoel Brandão de Lima, Maria Dionísia Brandão da Silva, Peregrina Ferreira de Lima, Raimunda Acilene da Silva Lima, Virgínia Francisca de Lima Silva

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA E CÂMERA
David Pacheco

ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO
Jamilssa

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO
Cecília Monteiro

ESTAGIÁRIO DE PRODUÇÃO
Vitor Torres

MONTAGEM
André Sampaio

1ª ASSISTÊNCIA DE CÂMERA
Clara Lis Martins

FOTÓGRAFO STILL E LOGGER
Txai Costa

MAQUINISTA E GAFFER
Alexandre Barros

DRONE
Cristopher Douglas

SOM DIRETO
Rafael Travassos

EDIÇÃO DE SOM
Nicolau Domingues e Rafael Travassos

ASSISTÊNCIA DE EDIÇÃO DE SOM
Marina Silva

MIXAGEM
Nicolau Domingues e A4ps

ESTÚDIO DE FINALIZAÇÃO DE SOM
Sound8

ASSISTÊNCIA DE MONTAGEM
Elienay Anunciação

COLORISTA E FINALIZADOR
Pedro Saboya

DESIGNER
Marina Bylaardt

SERVIÇOS GERAIS
Maria Amorim

REALIZAÇÃO
Breu Filmes

ACESSIBILIDADE E TRADUÇÃO (INGLÊS E ESPANHOL)
CPL

EQUIPE SEIVA COLAB AMAZÔNICA
Cecília Monteiro, Danielle Azevedo e Laíde Souza

FIGURINISTA
Mariana Braga

COSTUREIRA
Maria Gorete Silva Costa

CONTRARREGRA
Junior de Andrade Tavares

JARDINEIROS
Aldemir Cruz de Freitas e Manoel Brandão de Lima

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO
Danielle Azevedo, Laíde Souza e Raimundo Gomes da Silva Neto

MÚSICOS DO CICLU ALTO SANTO
Antônio Rodrigues de Araújo, Felipe Kauê do Nascimento Pereira, Izaque Braga do Nascimento, José Alexandre Nascimento de Souza, Luiz Grangeiro Brandão de Lima, Luís Felipe Augusto de Albuquerque, Paulo Milton Braga de Araújo, Tufi Rachid Amim Júnior e Willian Michel Araújo Aguiar

ALAGOAS

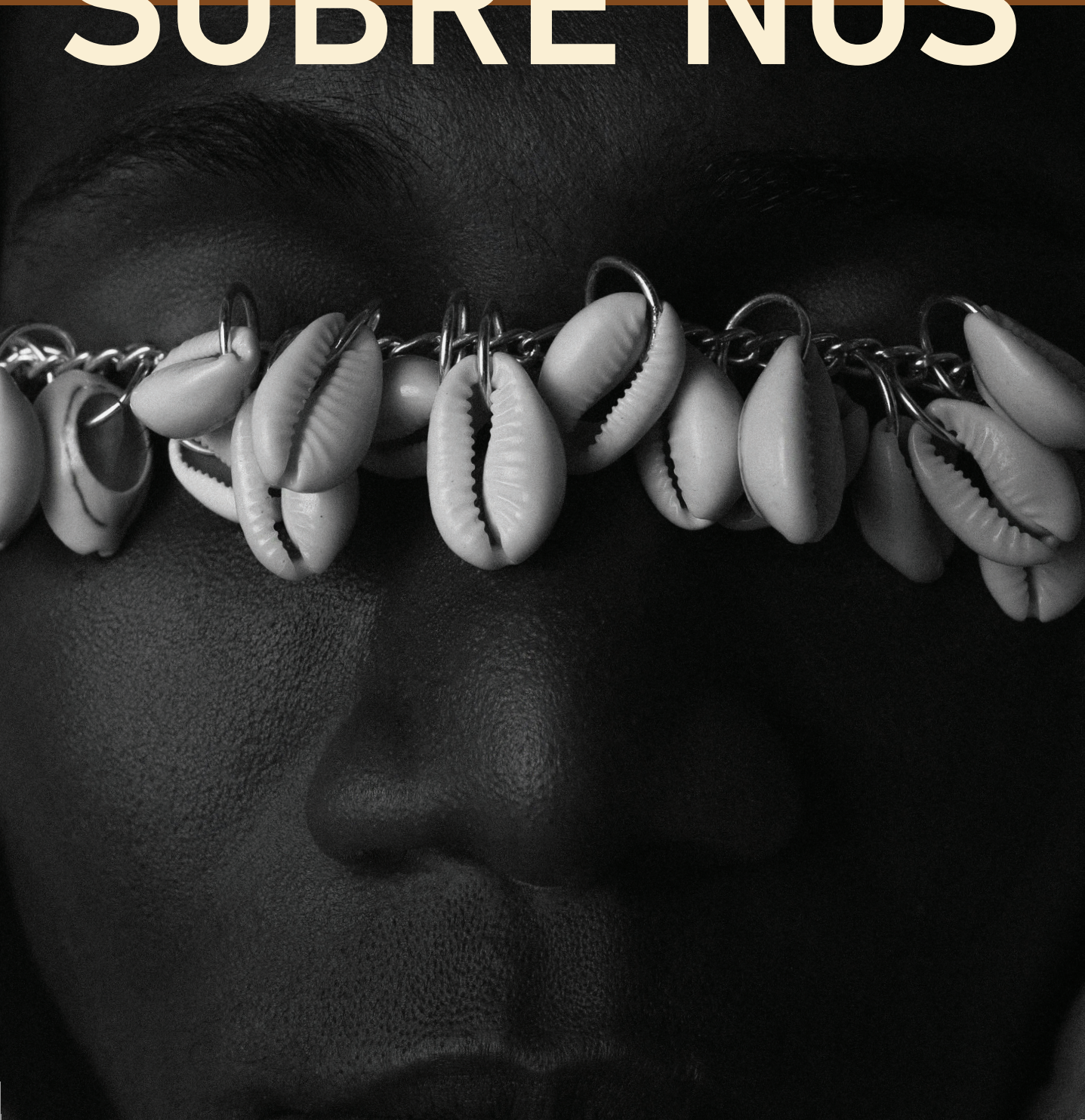
O Panorama Alagoas deste ano é composto por treze filmes que trazem a memória, a persistência e a potência das ações cotidianas; dois longas — realizados através de editais de incentivo público alagoanos — e onze curtas, 80% dos quais também foram realizados com recursos públicos. Apenas 30% dos filmes que compõem este panorama são dirigidos por mulheres.

Um olhar sobre nós com direção de Roger Silva, é o filme indicado para representar Alagoas no Panorama Brasil. As lentes que fotografam e "atravessam imagens para revelar presenças" das pessoas participantes do ClickNiggas – projeto sociocultural focado na valorização da cultura, da arte preta e da juventude periférica – dão acesso ao registro e aos relatos de vivências negras que tensionam histórias e modos de ver da cidade de Maceió marcada por desigualdades e silenciamentos. A presença da comunidade negra já foi abordada, mas faltava um filme manifesto como este para ecoar vozes dentro e fora da tela, por aqui e em outros horizontes.

Também indicamos para Destaque Estadual o documentário *Dança pela cidade*, direção de Rosana Dias, que traz, como outros filmes selecionados, a potência das ações cotidianas e nos estimula a lembrar que a busca por conexão não tem idade.

Larissa Lisboa
Guilherme de Miranda Ramos (revisão)

UM OLHAR SOBRE NÓS



SINOPSE

21 MIN
DOC
2024

12

Um olhar sobre nós é um documentário que atravessa imagens para revelar presenças. A partir do olhar de jovens negros periféricos de Maceió, o filme tensiona o ato de fotografar como gesto político, ferramenta de memória e dispositivo de reinvenção de si. Entre arquivos, retratos e narrativas pessoais, emergem histórias que confrontam a invisibilização histórica e disputam os modos de ver — e de existir. Mais do que registrar, ClickNiggas reivindica: quem olha também produz sentido, constrói mundo e reescreve a própria imagem. Em uma cidade marcada por desigualdades e silenciamentos, as lentes se tornam território de afirmação, onde estética e identidade se entrelaçam. O documentário convida o espectador a deslocar seu olhar, reconhecendo na imagem negra não apenas representação, mas autoria, potência e futuro.

DIREÇÃO
Roger Silva

ROTEIRO
Rose Monteiro e Roger Silva

ELENCO
Gabi, Lua, Derick, Gone, Jiray, Gabriel Augusto, Viviane Vitória, Amora, Cirilo

PRODUÇÃO
Awá Produções

DIREÇÃO DE ARTE
Gabi Coelho

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Kedinha

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Roberta Reis, Maria Clara e Grilo

FILMMAKER
Kedinha e Gabriel Augusto

EDITORES
Kedinha, Cainã e Pedro Henrique

TRILHA SONORA
Mary Alves, Guedexs, Saci, Yuri Clima e Naty Barros

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO
Gone, Grilo, Jiray, Kz, Rafinha, Maria Clara, Gabriel Augusto, Pedro Henrique, Martin, Andreyna, Arthur Odé, Viviane Vitória e Sillas Costa

ASSISTENTE DE CÂMERA
Cainã

STILL
Makena, Mia Santos, Roger Silva, Arlean Sant e Arthur Vieira

CAPTAÇÃO DE SOM
Carol Justino

DESIGNER
Gabriel Augusto, Júlio Catarina, Amora e Mikael Santos

CARTAZ
Gabriel Pereira, Mikael Santos e Roger Silva

ASSESSOR DE IMPRENSA
Wilson Smith

CORTES
Roger Silva, Grilo, Kedinha, Cainã e Gabriel Augusto

ENTREVISTADOS
Jiray, Gone, Grilo, Amora, Cirilo, Lua, Gabi, Sillas, Gabriel, Mari Alves, Vitória, Kz, Roger Silva e Maitê Sueray

JURÍDICO
Drª Maria Fernanda Duarte - escritório Jurídico da bancada negra

ACESSIBILIDADE
Acesse libras mcz oficial

MINIBIO DIREÇÃO

Roger Silva é produtor cultural, cineasta independente, mestrando em História pela Universidade Federal de Alagoas, fotoartista, preto periférico, que acredita na possibilidade de ser, sem ter medo da existência humana. Há 15 anos está inserido no mundo da cultura e pesquisa da imagem preta periférica, com exposições em São Paulo, Maceió, Recife e Cidade do México.

BAHIA

A Mostra Sesc 2026 traz uma força que não cabe em tela, transborda pelos territórios, pelas memórias que resistem ao apagamento e pelos corpos que insistem em existir. Entre os 94 filmes inscritos, a curadoria reuniu obras que, juntas, compõem um mapa bonito e político do estado: do litoral ao sertão, de Salvador ao interior, da câmera na mão de realizadores veteranos às primeiras imagens de comunidades que tomam para si o direito de se narrar. A seleção que apresentamos aqui não é apenas um recorte de qualidade técnica ou narrativa, é, acima de tudo, um gesto de escuta. Escuta das vozes que o cinema hegemônico historicamente silenciou: mulheres que constroem mundos, mestres e mestras que guardam saberes milenares, territórios que afirmam sua existência diante da violência e do esquecimento, famílias que se reinventam fora dos moldes normativos, e gêneros cinematográficos que se hibridizam e recusam qualquer imobilidade.

A Força das mulheres

Uma das marcas mais vigorosas desta seleção é a presença central das mulheres, não apenas como personagens, mas como sujeitos que narram, decidem e transformam. *Entre a caneta e o poder: mulheres no jornalismo da Bahia*, com direção de Daniel Talento — Salvador (90 min), destaque do Panorama Bahia, é um documento histórico e político, o filme revela as trajetórias de jornalistas baianas que ocuparam espaços hostis e reescreveram o jornalismo com suas próprias vozes, um gesto de reparação e memória que esta Mostra se orgulha de destacar. Na mesma direção, o curta *A cor da patroa* com direção de Milena Anjos — Salvador (24 min), mergulha nas relações de trabalho doméstico que estruturam o cotidiano baiano, uma obra que tem o olhar preciso sobre a pele e o afeto. Já *O jogo de Dona Lourdes* com direção de Hilda Lopes Pontes e Klaus Hastenreiter — Salvador (15 min), é uma homenagem delicada à sabedoria feminina que se manifesta no jogo, no lúdico e na astúcia como formas de autonomia.

Saberes ancestrais e chamados da Terra

O Panorama Brasil desta edição pertence a *Pai Pote, o filho de Ogum* com direção de Laís Lima — Santo Amaro (86 min). O filme é um chamado: às origens, ao orixá, à ancestralidade que pulsa no cotidiano de Santo Amaro da Purificação. Laís Lima constrói uma obra que não explica o sagrado, mas o habita, permitindo que o espectador perceba a espiritualidade como matéria viva, não como exotismo. *Òfú Ifaradà: o sopro da resistência,* com direção de Paulo Ferreira — Itabuna (47 min); e *Kaabok: o candomblé de caboclo no sertão de Jequié,* com direção de Zaire Ominira e Adriana Fernandes Carajá — Salvador (48 min) formam, junto a *Pai Pote*, uma tríade de afirmação espiritual e cultural. *Òfú Ifaradà* traz o sopro como metáfora política e religiosa: resistir é respirar, é manter viva a chama do axé diante das tentativas históricas de sua extinção. *Kaabok*, por sua vez, rompe o imaginário: o sertão também é sagrado, o caboclo também tem sua morada na caatinga. *Batuques da Fêra,* com direção de Uyatã Rayra e Pedro Patrocínio — Feira de Santana (23 min), e *O samba que mora aqui,* com direção de Vítor Rocha — Salvador (84 min), ampliam esse território sonoro e espiritual. O samba e o batuque não são apenas gêneros musicais, são tecnologias ancestrais de transmissão de saberes, de cura e de comunidade. Esses filmes registram a beleza dessas práticas, reconhecendo-as como patrimônio vivo que precisa ser visto e ouvido.

Território, memória e pertencimento

Terra batida, com direção de Jon Lewis — Salvador (77 min). O título já diz tudo: terra que foi pisoteada e que resiste. É um cinema que faz do território um sujeito. *Vozes da Mata Atlântica,* com direção de Joana Brandão Tavares — Santa Cruz Cabrália (29 min), dialoga com essa urgência ambiental e territorial, dando voz às comunidades e aos ecossistemas que dependem da preservação da mata.

Gênero em movimento: anti-heróis do Udigrudi Baiano

Anti-heróis do Udigrudi Baiano, com direção de Henrique Dantas — Camaçari (92 min) é uma das apostas mais singulares desta seleção. O filme mergulha no underground do cinema baiano com olhar crítico, celebrando realizadores que escolheram o desvio como método e a linguagem como estética. Uma obra que reivindica o valor histórico do cinema feito à margem e que, ao fazê-lo, amplia nossa compreensão do que pode ser o cinema baiano.

Novas formas de família

O cinema selecionado também questiona, de múltiplas formas, os modelos hegemônicos de família. *Maic não quer cruzar*, com direção de Henrique Filho — Salvador (20 min) é uma das obras mais delicadas e corajosas da seleção, um filme que acompanha uma criança diante de escolhas que os adultos tentam enquadrar em normas, e que recusa, com leveza, qualquer enquadramento. *O vestido encantado de Anija,* com direção de Danilo Stael — Salvador (19 min), percorre terrenos semelhantes, abrindo espaços de liberdade. *No silêncio da chuva*, com direção de Ana Rosin e Tainá Lima — Vitória da Conquista (6 min) é, talvez, o filme mais silencioso da seleção, e justamente por isso mostra sua potência narrativa.

Interiorização das produções

Uma das alegrias desta curadoria foi constatar o crescimento das produções do interior da Bahia. Filmes como No silêncio da chuva e O Brasil é tri, de Vitória da Conquista; *Batuques da Fêra* e *Feiraguay*, que habitam as memórias dos Feirenses; *Kaabok*, que viaja ao sertão de Jequié; Òfú Ifaradà, de Itabuna; *Vozes da Mata Atlântica*, de Santa Cruz Cabrália; e *Anti-heróis do udigrudi baiano*, de Camaçari, todos demonstram que o cinema é baiano. O mapa cinematográfico do estado se expande, e com ele, os imaginários, as estéticas e as histórias que merecem ser contadas. Essa interiorização não é apenas geográfica, é também uma interiorização de olhares. São realizadores e realizadoras que conhecem a fundo os territórios que filmam, que pertencem às comunidades que retratam e que, por isso, oferecem imagens que não são externas, mas internas. Imagens que já estão lá, e sempre estiveram.

Um cinema que pertence a quem o faz

A IX Mostra Sesc de Cinema Regional Bahia apresenta uma programação que é, ao mesmo tempo, espelho e projeto. Espelho de uma Bahia múltipla e vibrante; projeto de um cinema que se quer cada vez mais diverso e descentralizado. Os filmes do Panorama Bahia não foram escolhidos apesar de suas diferenças, mas por causa delas. Que esta Mostra seja um encontro bonito. Entre filmes e espectadores, entre passado e futuro, entre o sagrado e o cotidiano, entre o sertão e o mar. E que o cinema baiano continue sendo o que sempre foi em seus melhores momentos: uma forma de ver que transforma quem vê.

Erica Daniela da Silva Santos

PAI POTE, O FILHO DE OGUM

SINOPSE

86 MIN
DOC
2026

L

Pai Pote o filho de Ogum conta a história de vida de José Raimundo Lima Chaves, conhecido como Pai Pote. Este homem negro, gay, pobre que se tornou uma importante representação religiosa de matriz africana da Bahia. O filme acompanha a agenda de Pai Pote por um ano, em três importantes eventos que acontecem anualmente, a Lavagem da Purificação, o Bembé do Mercado e a Lavage de La Madeleine.

MINIBIO DIREÇÃO

Laís Lima é cineasta, pesquisadora e artista do audiovisual. Doutoranda e mestre em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), especialista em Cidadania e Ambientes Culturais e bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), constrói sua trajetória a partir do encontro entre cinema, memória e território. Há mais de 15 anos, utiliza o audiovisual como ferramenta de escuta, registro e fabulação das histórias do povo negro do Recôncavo da Bahia, transformando imagens e sons em gesto político, poético e ancestral. Atua como diretora, editora, fotógrafa, pesquisadora e curadora de mostras e festivais, transitando entre o cinema documental, o experimental e o cinema de memória.

Ao longo de sua trajetória, teve projetos contemplados em editais e chamadas públicas como o 8º Calendário das Artes (2020), a Lei Aldir Blanc (2020), o Sesc Nordeste das Artes (2022) e o Edital da Lei Paulo Gustavo (2023). Dirigiu os filmes *Roda de samba* (2010), *Yabás* (2019), *Bembé em tempo de pandemia* (2021), *Levando a vida* (2021) e *Pai Pote, o filho de Ogum* (2026).

DIREÇÃO E ROTEIRO
Laís Lima

ELENCO
Ana Rita Machado, Carmelita Lima Chaves, Edson Júnior, Everaldo Gerivaldo Caldas, José Bispo, Manu de Ogunjá, Mãe Miroca, Maria Bethânia, Nicinha do Samba *(in memoriam)*, Olívia Santana, Robertinho Chaves, Vilma Chaves, Mãe Williana de Odé

PRODUÇÃO
Reconvexo Produção Cinematográfica Ltda

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Lorena Lima e Nathália Ribeiro

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Ninha Vieira

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Camila Silva e Suziane Martins

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Luara Dal Chiavon

CÂMERA
Luara Dal Chiavon e Letícia Ribeiro

IMAGENS ADICIONAIS E DE ARQUIVO
Laís Lima

IMAGENS DE DRONE
Cássius Borges e Jonas Souza

SOM DIRETO
Leonardo Conceição

ASSISTENTE DE SOM DIRETO
Erivaldo Brito

STILL
Gabriela Palha e Zeza Maria

DIREÇÃO DE ARTE
Evelyn Sacramento

DOUTORING/SUPERVISOR
Thaís Brito

APOIO DE SET
Carla Monique, Dayane da Hora, Edson Júnior, Gerivaldo Caldas, Maria da Purificação, Manuela Pereira, Miriam Conceição, Renato Martins, Vilma Chaves e Williana da Cruz

EDIÇÃO E MONTAGEM
Laís Lima

CONSULTOR DE MONTAGEM
Marcelo Pedroso

EDIÇÃO DE SOM
Marina Mapurunga

CORREÇÃO DE COR
Adriano Oliveira

TRILHA SONORA
Gustavo Caribé

MÚSICA
Ogum Yê de Ulisses Castro e Recôncavo de Márcio Valverde

EFEITOS ESPECIAIS
Adriano Oliveira

FINALIZAÇÃO
Geovane Cidreira

DESIGN/LETTERIN
Júnior Pakapim

LEGENDAS E TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS
Chantal Durpoix

ENTREVISTA COM MARIA BETHÂNIA
CÂMERAS
Cássius Borges e Letícia Ribeiro

SOM DIRETO
Ana Luiza Penna

SUPERVISÃO DE ACESSIBILIDADE
Natália Rocha

AUDIODESCRIÇÃO
ROTEIRO E EDIÇÃO
Juniro Formiga

CONSULTORIA E LOCUÇÃO
Ira Vilaronga

INTÉRPRETES DE LIBRAS
Nanâra Evelim de Jesus Santana
Dê um sinal (assessoria em inclusão e diversidade Ltda)

MOTORISTA
Edmilson Anunciação

DISTRITO FEDERAL

Quantos mundos cabem em um quadrado?

O Distrito Federal carrega em si o paradoxo de ser um território pequeno, mas com dimensões imensuráveis quando se trata de povos e culturas, originados de cada canto do Brasil e misturados em um caldeirão, ou numa panelinha, em constante ebulição. Dentro das linhas que desenham nosso quadradinho no mapa, existem fronteiras que vão muito além da geografia. Cada cidade, satélite ou metrópole, cada comunidade e cada memória revelam que ainda há muito a descobrir sobre o lugar que chamamos de lar.

O cinema, sendo a sétima arte que é, surge, então, como um convite para revisitar o familiar com outros olhos. Mesmo onde pensamos conhecer todos os caminhos, existem histórias escondidas, vozes silenciadas e mundos inteiros esperando para serem encontrados.

As obras desta IX Mostra Sesc de Cinema demonstram que a grandeza de uma localidade está na quantidade de vidas, experiências e narrativas que ela consegue abrigar. Entre o concreto planejado de Brasília e as raízes profundas das comunidades que sustentam sua história, encontramos um Distrito Federal múltiplo, que desafia qualquer tentativa de definição única (sendo até difícil definir o que ou quem é candango de fato, ou na real mineiro, cearense, pernambucano... brasileiro, né).

Os filmes selecionados revelam visões e vidas que partem de diferentes lugares, que compartilham o desejo de existir em toda sua potência, seja lá onde ou como for. Das periferias que assumem cada vez mais o protagonismo de suas próprias narrativas, com cantos e vozes de diferentes cores e gêneros, aos territórios tradicionais que preservam memórias pouco conhecidas (como as de um quilombo no coração do DF, que resiste até hoje longe da vista de seus próprios vizinhos), o cinema abre caminhos para escutar aquilo que por muito tempo permaneceu distante de nós. Ou de nossas memórias, trazidas à tona até na figura excêntrica de Zé do Caixão, cuja carne já pereceu, mas que para sempre será eterno, e mais político ou brasiliense do que a maioria poderia sequer lembrar.

Entre essas vozes estão também aquelas que lutam para recuperar aquilo que lhes foi retirado. As histórias dos calungas revelam uma busca pelo direito à própria narrativa, pela retomada da palavra e pelo reconhecimento de uma existência que antecede os limites do Distrito Federal. Chegando até à ficção, que, mesmo presente em menor número de obras nessa edição, demonstra sua capacidade de discursar sobre o inerente ao humano, e nossa visão do que pode ser o futuro. Tanto brasiliense, brasileiro ou mesmo universal, como em uma animação distópica que trata das tecnologias estendendo as vidas até o ponto em que talvez elas se transformem em gaiolas de nossas existências. São imagens e sons que rompem apagamentos e demonstram que identidade não é algo concedido, mas construído dia após dia por quem mantém viva sua história, hoje, ontem ou amanhã.

Assim, o cinema do Distrito Federal revela que não existem territórios pequenos quando as histórias são grandes, nem limites quando temos voz. Nosso quadradinho, aparentemente delimitado por linhas no mapa, expande-se a cada olhar, a cada memória e a cada nova voz que encontra espaço para ecoar. É nessa soma de gritos, sussurros e descobertas que nasce a força de uma produção diversa: um cinema que nos lembra que conhecer um lugar não significa terminar de descobri-lo, mas aceitar que ele sempre terá algo novo a nos mostrar.

Andrei C. Linhares

MINHA RELIGIÃO É O CINEMA

SINOPSE

30 MIN
DOC
2026

O documentário revela algumas visitas que José Mojica Marins fez à Brasília e sua resistência contra a ditadura militar (1964-1985), que buscou silenciá-lo de inúmeras maneiras. Também traz suas histórias pessoais com a morte, com o sucesso do personagem Zé do Caixão e sua batalha para sobreviver no universo do cinema.

MINIBIO DIREÇÃO

Os diretores **Zefel Coff** e **William Alves** já produziram e dirigiram juntos dois longas e dois curtas. São produtores audiovisuais desde a década de 1990. William Alves é produtor cultural e é o realizador do Festival Taguatinga de Cinema. Zefel já produziu quinze curtas, quatro longas e três histórias em quadrinhos.

Os diretores estão, no momento, trabalhando na captação de recursos para a produção do último filme da trilogia *Corpo, mente, alma*. O primeiro foi o longa-metragem *A roda da vida*, de 2019, que representa a mente. O segundo foi o longa *Sem Olhos*, de 2023, que representa a alma e é baseado no conto de mesmo nome do escritor Machado de Assis. O terceiro filme, que encerra a trilogia, é *A casa do coveiro*, que representa o corpo. O filme está em pré-produção e já tem roteiro, locações e elenco definidos.

DIREÇÃO E ROTEIRO
Zefel Coff e William Alves

ELENCO
José Mojica Marins como Zé do Caixão

EMPRESA PRODUTORA
Kanema Experimento
Karibu Cinema

COPRODUÇÃO
Inspira filmes

PRODUÇÃO EXECUTIVA
William Alves e Zefel Coff

MONTAGEM, PESQUISA, COR, SOM (CAPTAÇÃO E TRATAMENTO), DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA, DIREÇÃO DE ARTE, CARTAZ E LEGENDAS
Zefel Coff

CINEGRAFISTAS
Leandro G. Moura, Chico Furtado, Zefel Coff e Maninho Ferreira (in memoriam)

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO
Chico Furtado, Otto Cortes e Bento Amorim

ESTAGIÁRIA
Marina de Brito

ANIMAÇÃO
Zefel Coff

ESPÍRITO SANTO

A IX Mostra Sesc de Cinema é um evento significativo na história do audiovisual capixaba e revela o tamanho do desafio que precisamos encarar — e a inteligência coletiva que estamos cultivando e compartilhando. Com 42 filmes inscritos e 14 obras selecionadas para o Panorama Estadual, o recorte revela uma cena a caminho de sua plenitude criativa. Realizadores de dentro e fora da Grande Vitória compõem um mosaico de vozes que, cada uma a seu modo, afirmam o cinema como forma de presença no mundo.

A seleção desta edição é atravessada por uma pergunta comum, mesmo que cada filme responda de maneira singular: o que nos une e o que nos separa? As obras transitam entre o afeto e o político, entre a memória individual e a história coletiva, entre o corpo que resiste e o território que o acolhe. Fé, ancestralidade, identidade, moradia, pertencimento e os laços que se tecem entre as pessoas — especialmente entre mulheres — emergem como as grandes preocupações desta produção capixaba, que não abandona a invenção formal ao abraçar suas urgências.

Do vídeo-dança afro-diaspórico ao documentário social, da ficção de recorte intimista ao registro poético da paisagem, o Espírito Santo apresenta uma produção consistente na técnica e diversa na estética, que sabe habitar diferentes linguagens sem abrir mão de uma visão de mundo própria. É um cinema que coloca o tempo inteiro em evidência as tensões e as dores da dicotomia local × global e tenta achar um caminho para um futuro menos comprometido com o bom senso.

Para o Panorama Nacional, a curadoria capixaba indica *O que faço com isso agora que acabou?*, de Julia Uliana e Natália Dornelas. O filme aborda a questão dos impactos mentais e emocionais da convivência com o câncer e decupa de maneira bem interessante e precisa o imbróglio imagético que envolve a situação para chegar em uma questão ainda mais fundamental: qual o significado de estar vivo quando a morte tira tudo do lugar?

André Pires Félix da Silva
Honório de Paula Rocha Filho
Francinardo Luiz de Oliveira

O QUE FAÇO COM ISSO AGORA QUE ACABOU?

SINOPSE

Duas atrizes confrontam suas memórias ao gravarem um filme sobre câncer. Durante o processo, se deparam com o dilema: isso é mesmo um filme sobre a doença?

14 MIN
FICÇÃO
2026

MINIBIO DIREÇÃO

Natália Dornelas é cineasta formada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e especialista em Estudos Afro-Latino-Americanos e Caribenhos pela (Clacso).
Julia Uliana é cineasta e atriz formada em Cinema e Audiovisual pela UFES e em Teatro pela Escola Técnica de Teatro, Dança e Música (Fafi).

DIREÇÃO
Julia Uliana e Natália Dornelas

ELENCO
Julia Uliana, Rayo Abrahão, Vinícius Couti, Thelma Lopes, Felipe Boleli, Lorena Corrêa, Alessandro Carvalho, Bruno C. Hanstenreiter

EMPRESA PRODUTORA
Fogueira Filmes

ROTEIRO
Julia Uliana

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Julia Eugênia Guelli

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Livia Pegneau

FOTOGRAFIA
Ramon Zagotto

TRILHA SONORA ORIGINAL
Bruno C. Hanstenreiter

MONTAGEM
Marcella Rocha, Julia Uliana e Natália Dornelas

DIREÇÃO DE ARTE
Thila Paixão

SOM E EDIÇÃO DE SOM
Bruno C. Hanstenreiter

MARANHÃO

O Maranhão a cada ano produz um autêntico cabedal cinematográfico. Uma variedade de obras que passeiam pelo documentário, pelo drama, pela comédia e pelo horror nosso de cada dia, gerando sensações que vão do medo ao riso, e impressões que passeiam pela contemplação e às vezes chegam no berço da indiferença. Produções que revelam o território ao qual estão inseridas, seja com as paisagens e/ou com as pessoas por trás do material finalizado. Obras que incomodam, tensionam, mas que também causam grande contentamento quando nos deparamos com trabalhos tão diversos sendo costurados, em sua maioria, por mãos maranhenses. Pois isto afirma em uníssono que temos, sim, trabalhadoras e trabalhadores competentes dirigindo, atuando e montando histórias com qualidade técnica e estética exemplar.

Ao todo foram 43 filmes inscritos na IX Mostra Sesc de Cinema no Maranhão, revelando que muitas histórias estão ganhando vida por meio do audiovisual. Sejam pequenas ou grandes produções, há um mercado que está cada dia se aperfeiçoando e se reinventando. A escolha das 28 obras para compor a mostra maranhense representa em pequena escala a diversidade do nosso território. Produções indígenas, negras e queers se destacam ao mostrar que corpos lidos como minorias em nossa sociedade assumem o protagonismo de suas histórias. Corpos dissidentes estão "escrevivendo" no cinema maranhense. Estamos retomando nossas narrativas.

Entre os 28 filmes selecionados, dois foram escolhidos para representar o Maranhão. Na categoria Panorama Maranhão, temos como destaque o filme *Amo de marés*, dirigido e escrito pela maranhense Nicolle Machado. A obra protagoniza o amor entre dois homens negros tendo como cenário visual e dramático o Bumba meu Boi, um forte símbolo cultural do nosso estado. O filme de Nicolle Machado traz o dilema de Cisco, o amo (líder, maestro) do boi, que nutre um amor por Mateus, brincante do seu grupo. Diante deste lugar de destaque no boi e do sentimento que não dá mais para manter às escondidas, Cisco começa a questionar as tradições que carrega consigo. Até que ponto essas tradições podem se transformar? Há espaço para novos papéis e novas formas de amar dentro desse universo?

Amo de marés nos presenteia com um amor cor de mangue, genuinamente nosso. Um filme que, por meio de um cativante roteiro e de uma trilha sonora impecável, nos revela que as tradições se moldam com o tempo — assim como a maré, que nunca se faz estática, está sempre em um ir e vir. Com uma primorosa atuação, se destacam os atores Luciano Ferrgar, Jhonatan Azevedo e Lúcia Gato, atores que nos presenteiam com um belíssimo protagonismo negro.

O segundo filme escolhido para compor a categoria Panorama Brasil foi *Mercado Central*, dirigido e escrito pela ludovicense Tássia Dhur. Um filme que se apropria da paisagem cotidiana de São Luís para brincar com o horror fantástico, trazendo como protagonista um mercado insalubre que se encontra no coração da capital. Na obra pessoas estão desaparecendo sem deixar rastros, urubus rondam a miséria humana e o sangue rubro não jorra do corpo de uma mulher, mas sim do corpo de um homem. Não há dúvidas de que *Mercado Central* é um deleite para os sentidos. O curta-metragem carrega consigo, para além do roteiro e da fotografia impecáveis, um exímio elenco composto por Tássia Dhur, Lauande Aires, Quimera, Renata Figueiredo e Antônio Garcia.

Mercado Central é disruptivo. Como todo bom horror, o filme não se limita a provocar medo ou repulsa: ele escancara aquilo que a rotina insiste em naturalizar. Seja o próprio mercado central abandonado pelo poder público ou a complexidade das relações humanas.

Nesta edição, a IX Mostra Sesc de Cinema convida o público a um mergulho em águas insurgentes. É uma celebração da diversidade narrativa e imagética que, ano após ano, reafirma a força e a inventividade do cinema maranhense. Que possamos mergulhar nessas águas e sair renovados pelo cinema da nossa terra, feito por nossa gente.

Brena Maria Amorim Santos

MERCADO CENTRAL

SINOPSE

16 MIN
FICÇÃO
2025

16

Em um cenário insalubre de um mercado no Centro da cidade, pessoas estão desaparecendo sem deixar rastros. Um clima de mistério ronda o Mercado Central, até ser revelado o real motivo dos acontecimentos.

MINIBIO DIREÇÃO

Atriz e diretora, fundadora da Jaguatirica Filmes, **Tássia Dhur** nasceu em São Luís (MA). Homenageada no Festival Guarnicê de Cinema 2025. Prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante no Festival Guarnicê de Cinema 2023 pelo longa *De repente drag* Prêmio de Melhor Atriz no Festival Maranhão na Tela 2019 com *Diana*, que escreveu, atuou e dirigiu. Com ele também ganhou Melhor Diretora pelo South Film and Arts Academy Festival, Chile. Fez a Júlia do longa-metragem *Anna*, com direção de Heitor Dhalia, 2019. Foi Tâmara na série Feras, direção de Teo Poppovic, na Globoplay. Fez o longa *De repente drag*, como a personagem Rita Hellpulsa. Fez a personagem Luana na série DNA do Crime, com direção de Heitor Dhália, na Netflix. Gravou em 2022 *Serra das almas*, novo longa do diretor Lírio Ferreira. Recentemente ganhou prêmio de Melhor Atriz e Melhor Diretora no Festival Maranhão na Tela 2023. Estreou na segunda temporada da série DNA do Crime.

DIREÇÃO E ROTEIRO
Tássia Dhur

ELENCO
Tássia Dhur, Lauande Aires, Quimera, Renata Figueiredo, Antonio Garcia

EMPRESA PRODUTORA
Jaguatirica Filmes

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Tássia Dhur

PRODUTORA
Helen Maria e Carol Ferreira

ELENCO DE APOIO
Murilo Santos, Lúcia Reis, Andressa Sodré, Dandara e Nebraska

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Jéssica Lauane

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Danilo Rosa

DIREÇÃO DE ARTE
Neila Albertina

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA
Gabriel Bruno

SOM DIRETO E MIXAGEM
Cahhi Silva

EDIÇÃO DE SOM E SOUND DESIGNER
Gabriel Portela

MONTAGEM
Lucas Sá

ASSISTENTE DE ARTE E PRODUTOR DE OBJETO
Davy Amaral

ASSISTENTE DE ARTE E PRODUTORA DE OBJETO
Jacksciene Guedes

ASSISTENTE DE ARTE, MAQUIADOR E CARACTERIZADOR
Stenio Maciel

STILL
Izadora Gonçalves (iiporai)

LOGGER
D´glan

CHEFE DE MAQUINÁRIA
Manoel Pinheiro

ASSISTENTE DE ELÉTRICA
Bruzaka

MICROFONISTA
Josifran

MONTAGEM, FINALIZAÇÃO, FX E DESIGNER DE CRÉDITOS
Lucas Sá

COLORISTA
Rafaim

ASSISTENTE DE MAQUINÁRIA E ELÉTRICA
Deyson Moraes

MOTORISTAS
Robinho Rebouças e Rhuann Rebouças

SEGURANÇAS
Thiago Teixeira, Ricardo Henrique e Rubem Moura

LIBRAS
Márcio Romen

TRADUÇÃO INGLÊS, ESPANHOL E LSE
Josh Baconi

MATO GROSSO

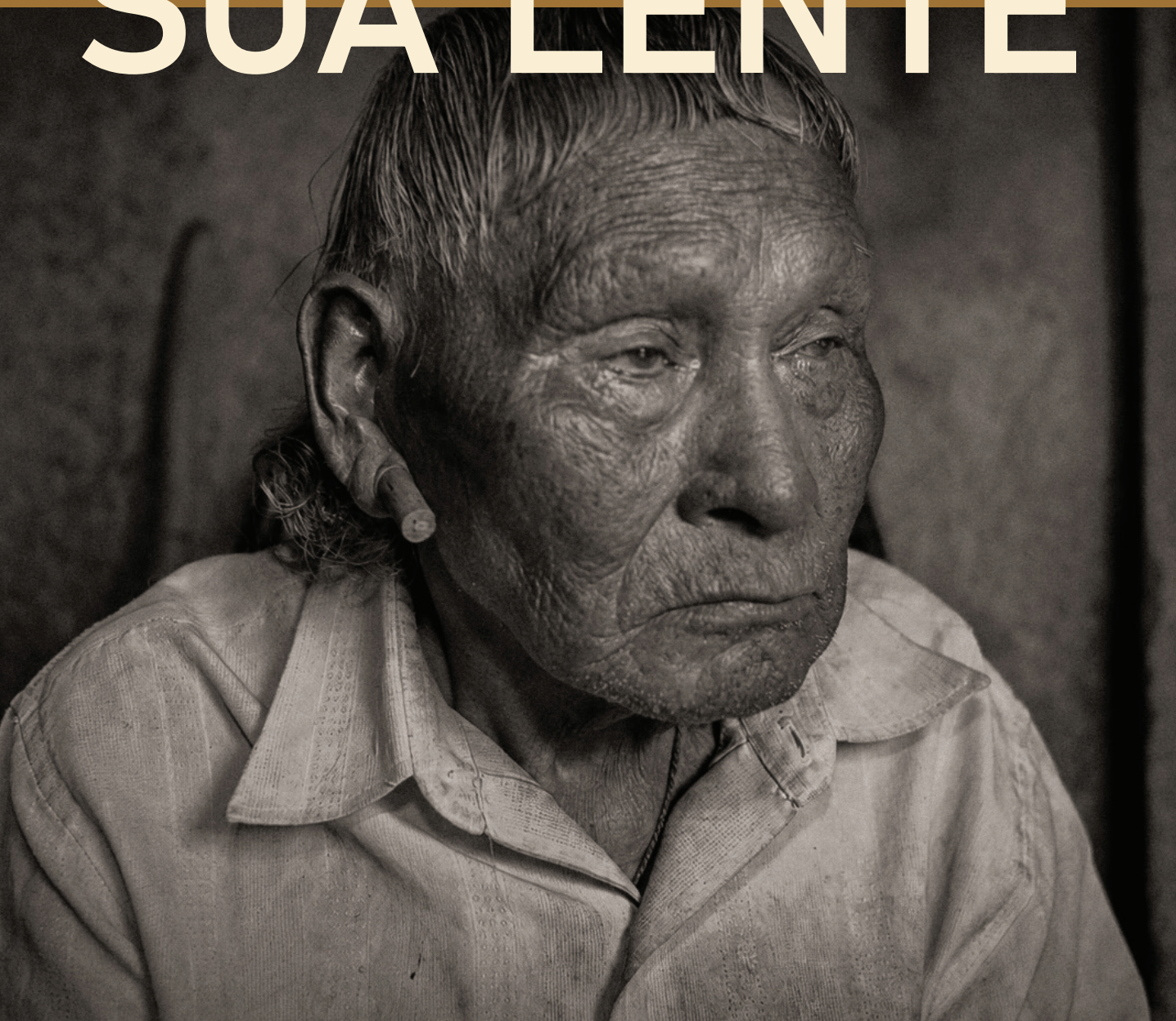
O processo curatorial da IX Mostra Sesc de Cinema revelou um conjunto de obras que, embora distintas em suas linguagens e escolhas estéticas, convergem para uma mesma perspectiva: a cultura se preserva por meio das experiências compartilhadas que atravessam o cotidiano. São filmes que fazem da vida comum a matéria sensível de suas narrativas e reconhecem, nos gestos mais simples, a força necessária para atravessar o tempo.

As obras reunidas nesta edição revelam um Mato Grosso onde coexistem saberes indígenas, tradições populares, imaginários da infância e novas formas de afirmação identitária, compondo um mosaico que recusa definições únicas e reconhece a pluralidade como condição constitutiva da experiência cultural.

São produções que revelam que o extraordinário não está apartado da vida comum, mas manifesta-se justamente naquilo que resiste ao tempo porque continua sendo lembrado, contado, reinventado e vivido. É nesse lugar que o cinema mato-grossense afirma sua singularidade. Não busca monumentalizar personagens ou territórios; prefere voltar-se para aquilo que, quase sempre à margem dos grandes acontecimentos, sustenta a continuidade da vida e das formas de viver em comunidade.

Vitória Ramirez Zanquetta

DIVINO: SUA ALMA, SUA LENTE



SINOPSE

25 MIN
DOC
2025

12

Divino, sua alma, sua lente acompanha a trajetória do cineasta xavante Divino Tserewahú. Entre memórias, arquivos e vivências na Terra Indígena Sangradouro, o filme revela como o cinema se tornou, para ele e para a sua comunidade, instrumento de luta, preservação cultural e inspiração para novas gerações. Entre as veredas de sua aldeia e os caminhos que percorreu pelo país e pelo mundo, Divino revisita arquivos, fotos e registros que atravessam sua história, imagens feitas por ele, por seus mestres e por sua própria comunidade. Ao reviver esses encontros com o passado, ele também revela as marcas de sua formação, desde o primeiro contato com a câmera até os dias de hoje.

MINIBIO DIREÇÃO

Clea Torres é jornalista, documentarista e produtora audiovisual brasileira. Atua na produção de filmes etnoambientais, com narrativas envolventes, trabalhando em parceria com o povo Xavante da Terra Indígena São Marcos, em Mato Grosso. É diretora e produtora do documentário *Território: nosso corpo, nosso espírito*, exibido em diversos festivais da América Latina. **Gilson Costa** é realizador audiovisual, documentarista, pesquisador e discente do ensino superior. É graduado em Rádio e Televisão pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Mestre em Estudos de Linguagens e Doutor em Estudos de Cultura Contemporânea. Coordena, desde o ano de 2014, o Núcleo de Produção Digital da UFMT, localizado no Campus Universitário do Araguaia, em Barra do Garças. Em 2016 produziu e dirigiu o documentário *Xavante: memória, cultura e resistência* (2016, 33 min) trabalhando em parceria com o Povo Xavante da Terra Indígena São Marcos, no Mato Grosso. O filme foi exibido em diferentes países da América Latina, ganhando prêmios em festivais e mostras nacionais e internacionais, como o FestCine Amazônia (2018) e o Festival Ecofalante (2018), dentre outros.

DIREÇÃO
Clea Torres e Gilson Costa

ELENCO
Alexandre Tsereptse, Bartolomeu Patira Pronhõpa, Valeriano 'Rãiwi'a, Vicente Carelli

EMPRESA PRODUTORA
Núcleo de Produção Digital UFMT

CODIREÇÃO
Divino Tserewahú

PRODUÇÃO EXECUTIVA E GESTÃO FINANCEIRA
Carina Benedetti

PESQUISA E ROTEIRO
Gilson Costta

DIRETORA DE PRODUÇÃO
Clea torres

DIRETOR DE FOTOGRAFIA
Cristiano Costa

TÉCNICO DE ÁUDIO E MICROFONISTA
Rodrigo Pereira Teodoro

CONSULTOR INDÍGENA/ TRADUTOR
Divino Tserewahú Tsereptse

EDIÇÃO E MONTAGEM
Thamires Coelho e Gilson Costta

FINALIZAÇÃO E COLLOR GRADING
Gilson Costta

MATO GROSSO DO SUL

A curadoria da IX Mostra Sesc de Cinema em Mato Grosso do Sul reafirma o compromisso de revelar a pluralidade de olhares, linguagens e experiências que constituem o audiovisual produzido no estado. Nesta edição, a comissão curatorial analisou 32 obras inscritas entre curtas e longas-metragens, construindo uma seleção que evidencia tanto a diversidade estética quanto a potência narrativa dos realizadores sul-mato-grossenses.

Durante o processo de avaliação, os filmes foram organizados em recortes que envolvem produções indígenas, ambientais, dramas, LGBTQIAPN+, poéticas/experimentais, documentários e suspense, metodologia que permitiu identificar aproximações entre obras muito distintas em linguagem, mas conectadas por inquietações comuns. Ao longo das discussões, tornou-se evidente um cinema interessado em personagens que atravessam fronteiras: geográficas, culturais, afetivas, geracionais e identitárias.

A presença indígena ocupa um lugar importante na seleção deste ano, apresentando diferentes perspectivas sobre memória, ancestralidade e resistência. Em *Koi e o rio*, a jornada do líder José Koi Ofaié transforma o rio em território de preservação cultural e afirmação identitária. Já *Entre fronteiras: vozes do Guarani* evidencia a língua como patrimônio vivo e instrumento de permanência de um povo. Nesse conjunto, *Mapago* ocupa um lugar singular: é o único filme indígena da seleção construído como obra de ficção e, com protagonismo de atrizes indígenas, amplia as possibilidades de representação dos povos originários ao articular ancestralidade, cultura urbana e imaginação cinematográfica, revelando novas formas de narrar essas vivências no audiovisual contemporâneo.

Outro aspecto marcante da seleção é a força das narrativas protagonizadas e dirigidas por mulheres. Em *Eleonora* e *Na sombra da chuva*, o envelhecimento feminino surge livre dos estereótipos, apresentando personagens que reivindicam autonomia, afeto e o direito de reinventar suas próprias trajetórias. *Quatro luas pantaneiras* amplia esse olhar ao reunir histórias de mulheres do Pantanal, enquanto *Coragem*, escolhido como Destaque Estadual, acompanha a trajetória da arte-educadora trans Emy Santos, cuja história de resistência e transformação amplia as discussões sobre diversidade, representatividade e direitos humanos.

As juventudes também aparecem como protagonistas de um cinema atento às relações sociais e às formas de pertencimento. *Balanço, Balança* propõe uma reflexão delicada sobre memória, desigualdade e identidade racial, enquanto *Khaos: sobrevivendo na escola* acompanha os conflitos e as descobertas da adolescência diante das primeiras experiências afetivas e das questões que atravessam as identidades LGBTQIAPN+, a partir das vivências de jovens da periferia de Campo Grande.

O filme ganha ainda mais força ao reunir, diante das câmeras, estudantes de escolas públicas em sua primeira experiência como atores, aproximando a ficção das trajetórias reais de seus intérpretes e reforçando a potência da representatividade nos processos de criação.

A mostra também evidencia um amadurecimento das experimentações formais no audiovisual sul-mato-grossense. O terror psicológico e o realismo fantástico de *A carne e o cerne* dialogam com conflitos familiares e estruturas tradicionais, enquanto vestigial aproxima dança, performance e audiovisual para investigar novas formas de perceber as relações entre corpo, natureza e tecnologia. *Hurluberlu* demonstra como um curta-metragem de apenas dois minutos é capaz de despertar múltiplas sensações, revelando a potência da síntese e da experimentação cinematográfica.

Representando Mato Grosso do Sul na etapa nacional da Mostra Sesc de Cinema, *Les garçons*, de Bruno Nishino e Marco Calábria, destaca-se pelo rigor artístico e pela sofisticação de sua construção narrativa. Ambientado em um decadente restaurante francês, o curta articula memória, desejo, tempo e solidão em uma encenação de grande cuidado estético, revelando personagens densos e uma direção de arte que potencializa a força dramática da obra. Produzido em Corumbá, o filme também reafirma a descentralização da produção audiovisual sul-mato-grossense, evidenciando a diversidade de territórios que hoje constituem o cinema realizado no estado.

Mais do que reunir diferentes filmes, a IX Mostra Sesc de Cinema apresenta um panorama de um audiovisual em constante transformação. As obras selecionadas revelam realizadores atentos às urgências do presente, capazes de dialogar com questões sociais, culturais e políticas sem renunciar à invenção estética. Entre memórias, afetos, ancestralidades e experimentações, a mostra reafirma o cinema como espaço de escuta, encontro e imaginação, fortalecendo o compromisso do Sesc com a valorização da produção audiovisual independente, assim como das múltiplas narrativas produzidas em Mato Grosso do Sul.

Cássia Mazzei

LES GARÇONS

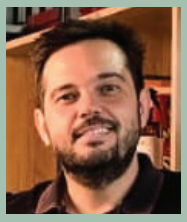
SINOPSE

30 MIN
FICÇÃO
2025

12

Tem como pano de fundo um velho restaurante francês decadente, onde se trava o diálogo entre um jovem garçom e um idoso maître fragilizado pela guerra na espera de seu amor não correspondido (uma paciente terminal solitária, filha de um aristocrata arruinado), almejando o seu último jantar, ao lado desse amor não vivido. Os personagens se inter-relacionam de forma conflitante, entre traumas e decepções.

MINIBIO DIREÇÃO



Marco Calábria e **Bruno Nishino** são publicitários, diretores e fundadores da Eureka Filmes, produtora audiovisual criada em 2010, especializada em filmes publicitários, institucionais, documentários e produções de promoção turística. Ao longo de mais de duas décadas de atuação na comunicação, construíram uma trajetória marcada pela criação de narrativas audiovisuais para empresas, instituições e territórios. Desenvolveram projetos para organizações como Vale, Embrapa, Energisa, Grupo Enzo, LHG, MS Florestal, Bracell, Vetorial, Suzano e Sesc, além de diversos municípios brasileiros. Paralelamente à produção institucional, dedicam-se ao cinema por meio da realização de documentários, curtas-metragens e obras de ficção, explorando temas ligados à memória, à cultura, à identidade e às relações humanas. Entre seus trabalhos estão o curta-metragem *Les Garçons* e outras produções desenvolvidas em parceria com o Sesc Lab. Sua atuação internacional inclui projetos realizados em Portugal, França e Suíça, com destaque para documentários e filmes promocionais de turismo produzidos para municípios da região Centro de Portugal, além de obras voltadas à valorização do patrimônio cultural, como um documentário sobre a tradição olivícola e a produção de azeites portugueses. Com o storytelling como principal ferramenta, Marco Calábria e Bruno Nishino transformam histórias, pessoas e territórios em narrativas audiovisuais que preservam memórias, revelam identidades e conectam o público com a essência de cada lugar. Seus filmes participaram de festivais internacionais e conquistaram reconhecimento no circuito mundial de filmes de turismo.

DIREÇÃO
Bruno Nishino e Marco Calábria

ROTEIRO
Breno Moroni

ELENCO
Salim Haqzan e Fábio Arruda

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Deivison Pedrê

DIREÇÃO DE ARTE
Salim Haqzan

ASSISTENTE DE ARTE
Carolina Figueiredo

CENOGRAFIA
Camila Zavallo

ASSISTENTE DE CENÁRIO
Paulo Henrique Taveira

VISAGISMO
Fábio Leandro Duarte

FIGURINO
Bárbara Walesca Silva

SOM DIRETO
Rodrigo (Biscoito)

TRILHA SONORA ORIGINAL
Banda Flor de Pequi

DIREÇÃO DE ATORES
Breno Moroni

PRODUÇÃO
Juliana Zampieri

1º ASSISTENTE DE SET
Vinícius Mattos

2º ASSISTENTE DE SET
Orlando de Oliveira Júnior

CAMAREIRA
Edith Lima Ramos

DESIGNER GRÁFICO
Manuel Scrofft

LEGENDAGEM
Maurício Costa

LEGENDAS EM INGLÊS
Tiago Franz Schubert

LEGENDAS EM ESPANHOL
Maria Cecília Werk Neta

AUDIODESCRIÇÃO
Maria Cândida da Silva Abes

INTÉRPRETE DE LIBRAS
Jessé Macedo

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Aline Lira e Lucas Arruda

EMPRESA PRODUTORA
Eureka Audiovisual

MINAS GERAIS

Existir no espaço

O estado de Minas Gerais na IX Mostra de Cinema do Sesc foi marcado, entre outros aspectos, pelo recorde de filmes inscritos. O que não chega a ser uma surpresa. Ano após ano, esse número tem crescido, reflexo de uma série de políticas públicas, em âmbito regional e nacional, que têm propiciado não apenas um aumento quantitativo, mas também uma diversificação da produção mineira em termos de raça, gênero e regionalidade. Algumas questões se tornam latentes: como lidar com um estado tão múltiplo? O que programar diante de mundos tão imensos que se apresentam nas mais variadas formas e temas?

Em resposta, montamos uma programação que prima pela invenção formal ao mesmo tempo que é atravessada por uma forte dimensão política. O documentário *Ausente* (Direção de Carolina Soares, 2024), eleito destaque nacional, e *Cadeira vazia* (Alunos da oficina Vem aqui criar um filme — Alto Vera Cruz, 2025), eleito Destaque Estadual, privilegiam a relação com o espaço. No trabalho da Soares, as escolas se esvaziam e os alunos desaparecem como fantasmas do presente. No filme do coletivo, um grupo de mulheres vive a magia de existir dentro do buteco, ambiente mineiro por excelência.

Renan Eduardo

AUSENTE

SINOPSE

147 MIN
DOC
2024

12

Uma escola pública brasileira retoma as aulas presenciais pós-pandemia e adere ao plano do governo para um novo ensino médio. Sobrecarregados, os funcionários acolhem uma juventude com muitas lacunas e se esforçam para manter a escola. As decisões políticas se refletem na vida cotidiana e as taxas de evasão escolar se tornam o grande problema desta comunidade escolar.

MINIBIO DIREÇÃO

Ana Carolina Soares é roteirista, diretora, montadora e produtora-fundadora da A Itinerante Filmes. Selecionada para o 21º Talents Buenos Aires 2026, faz parte da Rede Paradiso de Talentos. É instrutora audiovisual na Escola Livre de Artes Arena da Cultura. *Ausente*, seu longa de estreia, foi exibido na Mostra Território — CINEBH 18 e Festival de Brasília 57 — A Formação dos Brasis. Realizou os curtas *Logo após, Estado itinerante* e *Lacarmélio*, exibidos em mostras e festivais nacionais e internacionais, sendo o segundo multipremiado, eleito melhor curta-metragem de 2016 pela ABRACCINE. É formada em Cinema e Vídeo (2010).

DIREÇÃO, ROTEIRO E PRODUÇÃO
Ana Carolina Soares

ELENCO
Comunidade escolar

EMPRESA PRODUTORA
A Itinerante Filmes

EMPRESA APOIADORA
Hemisfério Criativo

LABORATÓRIOS
Brasil Cinemundi, DOCSP e WIP Tiradentes

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Denise Flores e Ana Carolina Soares

FOTOGRAFIA
Rafael Diniz (Fiel) e Mariana Borges

SOM DIRETO
Glaydson Mendes

MONTAGEM
Carlos Henrique Roscoe e Ana Carolina Soares

IDENTIDADE VISUAL
Karla Moreira

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Laudimir Vieira

CÂMERA ADICIONAL
Fernanda Senna e Ana Carolina Soares

EQUIPE THE END
PÓS-PRODUÇÃO DE IMAGEM

DIREÇÃO DE PÓS-PRODUÇÃO
Helena Jardim e Mauro Moreira

COORDENAÇÃO DE PÓS-PRODUÇÃO
Marina Frascareli e Thais Barcelos

GERENTE DE PROJETO
Luisa Noguchi

COLORISTA
Maisa Joanni e DAFB

SUPERVISOR DE CONFORM
Yuri Dantas Pedro

CONFORM
Amanda Montanini, Marcel Moisés e Yuri Dantas Pedro

PÓS-PRODUÇÃO DE SOM
Sem Rumo Projetos Audiovisuais (João Gabriel Riveres, Giordano Lima, Henrique Staino, Marina Marques, Mayara Proença, Gabriel Piscitelli e Matheus Campos)

EDIÇÃO DE SOM E MIXAGEM
Henrique Staino

EDIÇÃO DE AMBIENTES
Guilherme Abu-Jamra

ACESSIBILIDADE
Carlos Henrique Roscoe

TRADUÇÃO ESPANHOL
Miriam Soares

TRADUÇÃO INGLÊS
Arthur Vieira e Brenda Rezende

ASSESSORIA JURÍDICA
Elisangela Menezes

TRILHAS SONORAS INCIDENTAIS
***Ginga* – Iza**
***Tempo Perdido* – Legião Urbana**
***Dom Real* – Melissa**

PARÁ

Sobre superfícies e profundezas do cinema paraense

Inicio esta reflexão com a seguinte indagação: quanto da Amazônia paraense, das pessoas que vivem nela e ao redor dela e de suas histórias é visível e o quanto está oculto? Da superfície da terra, em seu estado natural e sob ameaça constante ou emergindo à força para fora do concreto que a cobre, das profundezas dos rios ou de tudo que flutua sobre eles, surgem histórias que retratam anseios, sonhos, temores e amores. Histórias, feitas por indivíduos que dão forma a nossa própria noção de identidade. Neste contexto, o cinema é uma das ferramentas mais poderosas, capaz de materializar, em imagens e sons, as ideias sobre quem nós somos.

Os filmes inscritos pelo estado do Pará na nona edição da Mostra Sesc de Cinema refletem esse desejo de representação pelas próprias mãos dos cineastas paraenses.

As obras tratam de identidade — ou do perigo de sua perda. Identidades das pessoas e de lugares, personificadas em uma praia, uma floresta ou numa cultura que deixou de existir materialmente, mas continua sendo na memória e nos registros reais ou inventados.

O que se buscou neste processo foi selecionar obras que possibilitem a abertura de perspectivas sobre a Amazônia paraense, tanto para o público local quanto para o nacional. Em um presente complexo, frente a um futuro incerto, olhar para trás e para dentro pode ser um modo de reencontrar o Norte. Os filmes deste ano atestam que a imaginação, aliada à memória, aponta para um caminho possível.

É importante destacar que a maioria das obras inscritas e selecionadas são documentários, o que denota um desejo pelo cinema enquanto máquina de registrar as coisas como elas são. De todo modo, as poucas ficções aqui presentes parecem entender a potência que possuem em refletir a realidade pelo filtro da imaginação, de maneira distorcida ou fiel, porém sempre verdadeira.

Neste sentido, destacam-se os filmes escolhidos como indicados para o Panorama Brasil e para o Destaque Estadual *Crescente* (2026), de Maurício Moraes, e *Boiuna* (2025), de Adriana de Faria, respectivamente. O primeiro traz uma narrativa contemporânea a respeito de relacionamentos ambientada no cenário amazônico, na receptividade, no compartilhar da casa, no fluxo das águas, das relações e dos afetos que nos são tão familiares. O segundo, por sua vez, faz emergir o imaginário das encantarias na Amazônia atual e faz do mito e do realismo algo indissociável da cultura paraense.

São filmes que nos pedem para imaginar o que há além da superfície, nas entrelinhas, nos silêncios, no vazio que há no coração de toda cultura e que é onde reside uma individualidade verdadeiramente universal.

Fillipe Rodrigues
Suelen Nino

CRESCENTE

SINOPSE

16 MIN
FICÇÃO
2026

L

No interior da Amazônia, Fábio e Igor vivem na juventude um território de descobertas. A mudança de Fábio interrompe esse percurso, e a despedida acontece no lugar onde mais se reconhecem: às margens do rio Benfica. Vinte anos depois, o reencontro os devolve à mesma paisagem. Entre memórias e silêncios, percebem que lembram, não do território vivido, mas do mapa afetivo — fragmentado e em constante movimento, como as águas do Benfica.

MINIBIO DIREÇÃO

Graduado em cinema e audiovisual pela Universidade Federal do Pará, **Maurício Moraes** começou a trabalhar em projetos profissionais em 2018 em diversas produções de séries de TV, longas e curtas-metragens, sobretudo na função de continuísta e assistente de direção. Em 2020, realizou seu primeiro curta-metragem como diretor, o curta *Minguante*. Além disso, é associado e trabalha na estrutura da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (APAN), realizando a gerência de projetos.

DIREÇÃO E ROTEIRO
Maurício Moraes

ELENCO
Luciano Pedro Jr, Igor Pedroso, Wanderson Moraes, Marcos Ribeiro, Edna de Cássia, Isadora Lis

EMPRESA PRODUTORA
Grito Filmes Ltda e Inovador Talvez Filmes

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Tamires Cecim

CONTINUÍSTA
Diego dos Prazeres

PRODUTORA DE ELENCO
Amanda Rabelo

PREPARADORA DE ELENCO
Anna Clara Andrade

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Juliana Silva e Rodrigo Antônio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
João Luciano

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Rogi Roberto

PRODUÇÃO DE LOCAÇÃO
Paulo Afonso Martins (P.A)

AJUDANTE DE PRODUÇÃO
Mochila

MOTORISTA DE VAN (EQUIPE)
Hernani Puga e Thiago Silva

MOTORISTA DOBLÔ (ELENCO)
Amanda Silva

MOTORISTA CARRO (PRODUÇÃO)
Maguila

MOTORISTA TRANFER CAMETÁ
Madson Mendes

CATHERING
Sulana Sousa

SALVA-VIDAS
Renan Silva

DIRETORA DE ARTE
Beatriz de Oliveira

ASSISTENTE DE ARTE/ PRODUTORA DE ARTE
Adriana de Paula

CENOTÉCNICA/CONTRARREGRA
Natalia Almeida

FIGURINISTA
Ketlen Suzy

MAQUIADORA
Isis Penafort

DIRETORA DE FOTOGRAFIA
Lu Peixe

1º ASSISTENTE DE CÂMERA
Rogério Folha

LOGGER
Christian Araújo

STILL/MAKING OF
Caio Benedito

MAQUINÁRIA/ELÉTRICA
Dedeco

TÉCNICO DE SOM
Victor Kato

MICROFONISTA
Denize Ramos

MONTAGEM E COR
Darwin Marinho

EDIÇÃO DE SOM E MIXAGEM
Guga Rocha

FINALIZAÇÃO E ACESSIBILIDADE
Sem Rumos Produções

PARAÍBA

Entre a luz e o mel

Há filmes que nos conduzem pelos acontecimentos. Outros nos convidam a permanecer dentro de uma sensação.

Ao observar o conjunto de obras inscritas nesta edição da Mostra Sesc de Cinema na Paraíba, torna-se evidente a força de uma produção audiovisual profundamente conectada aos seus territórios, às suas memórias e aos modos de vida que os constituem. São filmes que retornam a arquivos, tradições, paisagens, histórias familiares e experiências coletivas não apenas para preservá-las, mas para reinventar as formas de vê-las e compartilhá-las.

Nesse panorama, o cinema paraibano contemporâneo revela um interesse crescente pela experiência sensível. Mais do que explicar o mundo, muitas dessas obras parecem interessadas em fazê-lo vibrar diante de nossos olhos. A atenção aos gestos cotidianos, às paisagens, aos sons e às pequenas transformações da matéria surge como uma maneira de produzir encontros entre o espectador e aquilo que tantas vezes passa despercebido.

É nesse horizonte que *Malaika*, de André Morais, e *O ponto do mel*, de Mirian Oliveira e Pedro Lessa, estabelecem um diálogo singular.

Em *Malaika*, acompanhamos uma adolescente albina durante um único dia no interior nordestino. A princípio, tudo parece simples: a rotina, a convivência com a mãe, os deslocamentos por uma paisagem familiar. Aos poucos, porém, o filme nos transporta para um território onde realidade e imaginação coexistem. A luz do sol, elemento fundamental da própria imagem cinematográfica, transforma-se em presença ambígua: aquilo que ilumina também ameaça. Entre silêncios, sombras e aparições, a jornada da personagem revela uma delicada busca por pertencimento, enquanto o mundo ao seu redor se expande em camadas simbólicas e afetivas.

Já em *O ponto do mel*, o cinema encontra seu ritmo nos movimentos de um engenho do alto sertão paraibano. A transformação da cana-de-açúcar em mel torna-se ponto de partida para a observação de gestos transmitidos entre gerações, de saberes inscritos nos corpos e de uma relação profunda entre trabalho, comunidade e território. O som da moagem, o vapor que se ergue dos tachos, a matéria em constante transformação e o tempo necessário para que tudo alcance o ponto exato compõem uma experiência que se constrói tanto pela escuta quanto pelo olhar.

Embora percorram caminhos distintos, os dois filmes compartilham uma mesma confiança na potência sensorial do cinema. Em ambos, o significado não se encontra apenas no que é narrado, mas na forma como a imagem, o som, a duração e a presença dos corpos produzem uma experiência de mundo.

Se em *Malaika* a luz desenha uma travessia entre vulnerabilidade e imaginação, em *O ponto do mel* a matéria em transformação revela a persistência dos saberes e das memórias coletivas. Entre a delicadeza do íntimo e a força dos gestos comunitários, os dois filmes nos lembram que o cinema também é uma forma de escuta.

Ao reuni-los, esta seleção propõe um encontro com algumas das expressões mais sensíveis do audiovisual paraibano contemporâneo. Obras que, em vez de oferecer respostas imediatas, nos convidam a desacelerar o olhar e a perceber aquilo que continua pulsando entre a luz e a matéria, entre a memória e o presente, entre o que somos e aquilo que ainda estamos nos tornando.

Carine Fiúza

MALAIKA

SINOPSE

85 MIN
FICÇÃO
2025

12

Um dia na vida de Malaika, uma adolescente albina, no interior do Nordeste. A luz do sol é uma ameaça, como também é sua rotina ao lado da mãe, Isabel, uma mulher negra que trabalha para uma família burguesa. Enquanto Malaika busca sua identidade no mundo, um lobo ronda seus caminhos.

MINIBIO DIREÇÃO

André Morais é ator, diretor e roteirista paraibano com mais de 20 anos de trajetória. Seu primeiro longa, *Rebento*, estreou na Mostra Tiradentes e foi vencedor de 30 prêmios nacionais e internacionais, entre eles o de Melhor Filme Internacional no Diorama Film Festival em Nova Dehli, na Índia. *Malaika*, seu segundo longa-metragem, lançado no 34º Festival de Cinema Latino-Americano de Biarritz, na França, e na 49ª Mostra de Cinema de São Paulo, segue no circuito de festivais.

DIREÇÃO E ROTEIRO
André Morais

ELENCO
Vitória Bianco, Norma Góes, Joyce Barbosa, Ingrid Trigueiro, Margarida Santos, Ubiratan de Assis, Melânia Silveira, João Araújo, Sebastião Formiga, Anna Raquel Apolinário, Márcio de Paula

PRODUÇÃO
André Morais e Clémentine Mourão-Ferreira

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
João Carlos Beltrão

DIREÇÃO DE ARTE
Ana Dinniz

DESENHO E MIXAGEM DE SOM
Nicolau Domingues

MÚSICA ORIGINAL
Valério Fiel

MONTAGEM
André Morais e Edson Lemos Akatoy

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Nina Rosa e Metilde Alves

UMA REALIZAÇÃO
Luz e Mistério Filmes

PRODUTORA ASSOCIADA
so-cle production cinématographique

DISTRIBUIÇÃO
Embaúba Filmes

EMPRESA PRODUTORA
Luz e Mistério Produções

PARANÁ

A seleção de filmes paranaenses que compõe as Mostras Panorama Brasil e Destaque Estadual da IX edição da Mostra Sesc de Cinema é sobre fabulações de futuros e presentes. Seja nas expectativas de um futuro a ser desenhado ou na busca por formas de permanência diante da precariedade cotidiana, a fabulação de um porvir é uma das forças-motrizes das produções selecionadas.

Em *Estrelas terrestres*, Rafael Neri constrói os sonhos de um jovem do interior que deseja se tornar ator e vê sua vida mudar ao ser aprovado em um teste. A necessidade de partida e a reflexão sobre os laços que se criam, a representação cuidadosa de uma identidade masculina cruzada pelo carinho e afeto, as memórias e a ida ao desconhecido o obrigam não só a confrontar os seus desejos presentes, mas também encarar pela primeira vez as constelações e o infinito.

Já em *O caçador*, de Lucas Mancini, a relação entre um homem idoso e um cão emerge como uma possibilidade de sobrevivência em um ambiente marcado pela escassez e pela pobreza. A falta, a solidão e a precariedade aproximam humano e animal, não só como um modo de convivência e conveniência, mas também como uma reinvenção de sensibilidades. O futuro deixa de ser uma promessa para se tornar um gesto de persistência da vida e resistência.

Em ambos os filmes, os ritos de passagem para um futuro ou mudança de um presente requerem enfrentar a complexidade das relações que os cercam. Se em *Estrelas terrestres* o rito de passagem é de um interior indo ao exterior, a um lugar maior, em *O caçador,* esse movimento se volta para dentro e para o território de existência, onde sobreviver ao dia a dia implica estabelecer novas formas de relação.

Nessas narrativas, fabular não significa escapar da realidade, mas encontrar maneiras de habitá-la e transformá-la. Entre sonhos, afetos, planos e estratégias, os filmes revelam que imaginar outros futuros é também um exercício capaz de abrir caminhos para novas formas de viver e de se relacionar com o mundo.

Ana Paula Málaga Carreiro
Edson Godinho
Juliana Choma
Waleska Antunes

ESTRELAS TERRESTRES

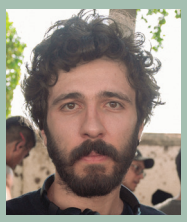
SINOPSE

15 MIN
FICÇÃO
2025

14

Miguel, 17 anos, morador de uma pequena cidade do interior do Brasil, sonha em se tornar ator. Ao passar em um teste em uma grande cidade, ele se vê diante do dilema de deixar para trás sua casa e seu melhor amigo, João. Miguel percebe que fugir é mais fácil do que se despedir.

MINIBIO DIREÇÃO



Rafael Neri M. Ferreira é artista nascido em Araçatuba, no interior de São Paulo. Atualmente reside em Curitiba (PR), lugar onde realizou graduação em cinema e audiovisual pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Atua no mercado de trabalho como diretor, diretor de fotografia e roteirista, e tem mais de 15 obras, entre curtas, videoclipes e longas ficcionais premiados.

DIREÇÃO
Rafael Neri M. Ferreira

ELENCO
João F. Calanca, Guillen Medeiros, Ana Raquel da Gama Pereira

EMPRESA PRODUTORA
N8 Prods e Khnum Filmes

PRODUTOR
A. C. Nicolau e Rafael Neri M. Ferreira

PRODUTORA EXECUTIVA
Fran Camilo

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Luana Carvalho

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Samuel Lalucci

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Bill Marques

DIRETOR DE FOTOGRAFIA
Vitor Meloni

DIRETORA DE ARTE
Larissa Monteiro

TÉCNICO DE SOM DIRETO
Túlio Borges

MONTADOR
Pedro Giongo

1º ASSISTENTE DE CÂMERA
Mariana Boaventura

2º ASSISTENTE DE CÂMERA
Tiago Murakami

SOM DIRETO
Lucas Kosinski

ASSISTENTES DE ARTE
Alana Ismail e Giulia Maria

DESIGN DE SOM E ARTISTA DE FOLEY
Túlio Borges

ASSISTENTE DE SOM
Ana Villela

EDIÇÃO DE DIÁLOGOS E GRAVAÇÃO DE FOLEY
Vinicius Contiero

MIXAGEM
Felipe Debiasio

FINALIZAÇÃO E MASTERS
Onda Finalização

COLORISTA
Lucas Kosinski

ELÉTRICA E MAQUINÁRIA
Ludson Yuri Matsuda e Rafael Martins

STILLS
Nick Dalla

DESIGN GRÁFICO
Kevin Diniz

CONSULTORIA DE ROTEIRO
Alana Ismail e Caio Guerra

REVISÃO DE ROTEIRO
Alana Ismail

LEGENDAGEM EM INGLÊS E ESPANHOL
Nicholas Kucker Triana

LIBRAS, AUDIODESCRIÇÃO E LSE
Visual Libras

PERNAM-BUCO

A IX Mostra Sesc de Cinema vem trazendo o que há de mais potente no cinema pernambucano. Uma curadoria nada fácil, que passou por um *Caminho Sinuoso*, teve aparição de *Raízes da Fé, Entre Forças* de um Estado tão grande que até Buenos Aires cabe nesse lugar cheio de *Ginga* e *Amor Fantasma*, por vezes *Atribulado*, mas do *Pagode do Didi a Lagoa da Pedra*, não existe *Acesso Negado* que limite nossa vontade e qualidade em contar história.

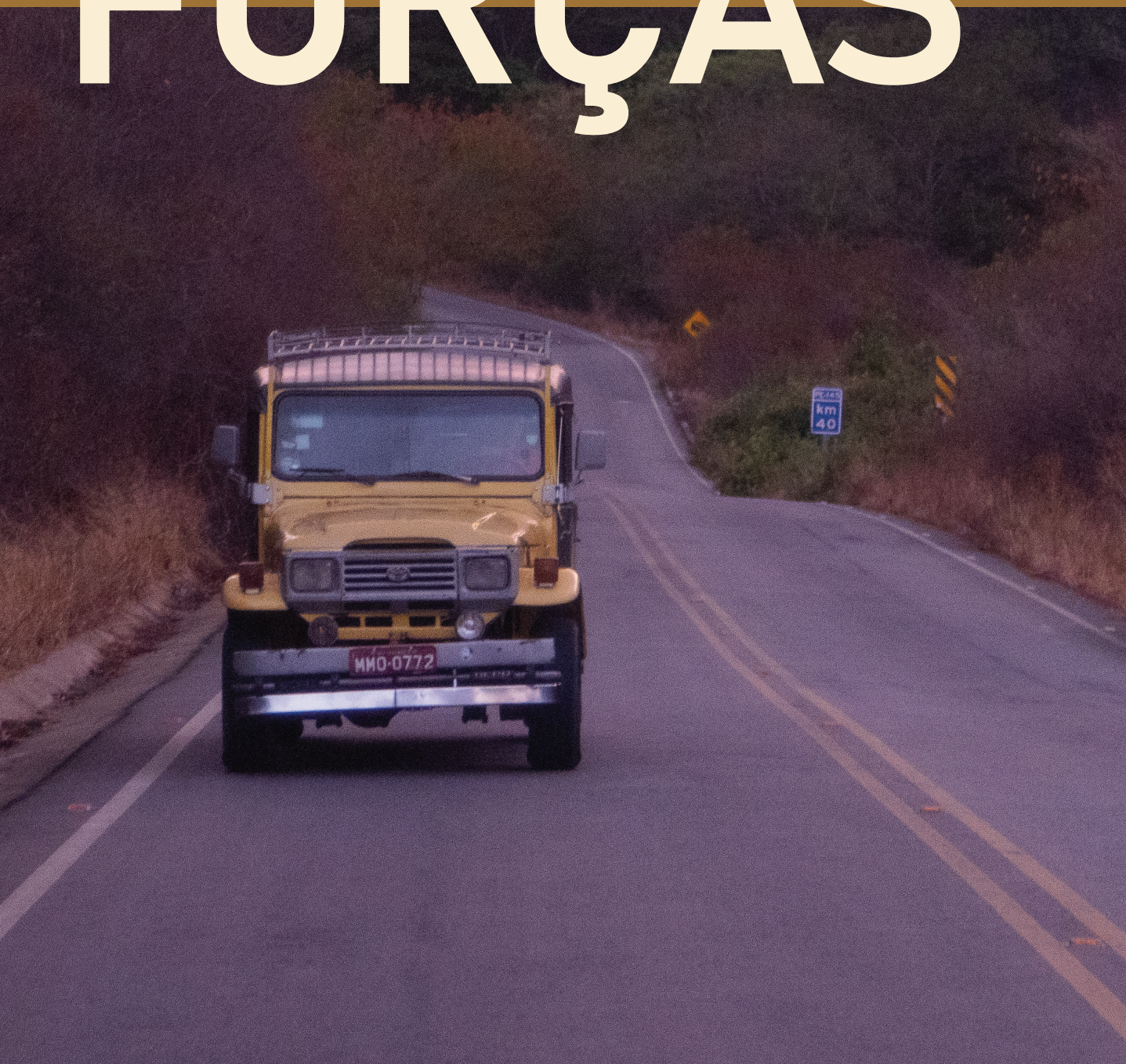
Não é mais *Reversível! O Carnaval é de Pelé* e *Cathi* já encontrou os *Elefantes*. *As Cantadeiras* irão embalar *Os Ursos e Nós*, em uma invasão sonora e visual, tal qual *Dynamite do Som* fazendo a gente *Pulsatrix* e aprender o que é *Singar* em *Era Uma Vez Diversiones*.

O cinema pernambucano passeia de pé descalço na areia da praia de Candeias e passeia de Pé de Chinelo nas estradas do sertão. Um cinema feito sobre a gente que a gente é e sobre aquilo que toda essa gente junta pode fazer. Sempre com muita fé, direção no caminho e um olhar crítico, sem deixar de ser místico e até sobrenatural, se for preciso.

Existe um Pernambuco que só o pernambucano conhece, e o nosso fazer cinema não seria diferente. Os caminhos das nossas histórias, documentadas ou ficcionais, vividas ou encenadas, carregam a verdade de um povo inteiro que sempre soube se olhar e se representar à altura da sua grandeza. Que essa seleção e os dias da Mostra façam o espectador mergulhar e se encantar na tela espelho que preparamos para vocês. Uma boa sessão!

Bia Pankararu

ENTRE FORÇAS



SINOPSE

24 MIN
DOC
2026
L

No agreste pernambucano, mecânicos-artesãos reinventam o Toyota Bandeirante, transformando necessidade em possibilidade. Entre paisagens acidentadas e sonhos em movimento, Entre forças celebra a tração e a resistência de um povo que encontrou, na reinvenção do Toyota, sua própria tecnologia de permanência.

MINIBIO DIREÇÃO

Mayara Millane é atriz, diretora e pesquisadora da cena e do audiovisual. É mestranda no PPG em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), graduada em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com formação técnica pela Escola de Teatro Martins Pena (RJ) e em Roteiro pela Roteiraria (SP). Como atriz, integrou diversos espetáculos, curtas--metragens, longas e séries. Dirigiu e atuou nos curtas de ficção *Deusa* (2018) e *Aguda* (2024). Em 2026 lançou seu primeiro documentário, o curta-metragem *Entre forças*, e está finalizando o segundo, intitulado *Debaixo dos pés, um berço* (Funcultura-PE). Atualmente, desenvolve o roteiro de seu primeiro longa-metragem, *Toyoteira*, projeto incentivado pela Lei Paulo Gustavo — Ministério da Cultura (Brasil).

DIREÇÃO E ROTEIRO
Mayara Millane

ELENCO
Doidinho, Danda, Cristovão, Ivanildo Peças, Coen, Dêda, Moacir, Luiz Carlos *(in memoriam)* e Carlos Eduardo (criança)

EMPRESA PRODUTORA
Sementeira Produções Artísticas

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Beto Martins

MONTAGEM
Caio Sales

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Tábata de Morais

PESQUISA
Mayara Millane e Manoel Bezerra

ASSISTENTE DE CÂMERA E LOGGER
Laura Castor

CORREÇÃO DE COR
Germana Glasner

FINALIZAÇÃO
Caio Zatti

SOM DIRETO
Adalberto Oliveira

ARRANJOS E DIREÇÃO MUSICAL
Rafael Minari

COMPOSITORES
Jeff Nefferkturu e Rafael Minari

MÚSICO
Jeff Nefferkturu (pífano, flauta transversal, bansuri e rabeca)

TÉCNICO DE SOM EM ESTÚDIO
Rodrigo Dalsotto de Freitas

DESENHO DE SOM E MIXAGEM
Adalberto Oliveira

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Rosinha Assis

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Mayara Millane

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Alef Pontes

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO LOCAL
Silmária Jordana

EQUIPAMENTO DE CÂMERA E ILUMINAÇÃO
Locar Câmeras Rentals

EQUIPAMENTO DE MAQUINÁRIA
Cabra Quente Filmes

MOTORISTA
Mário Lucas

CATERING
Maria do Carmo

LSE E LEGENDAS
Layane Santos

AUDIODESCRIÇÃO
Germinar Cultura e Acessibilidade

ROTEIRO E LOCUÇÃO
Daniele França

CONSULTORIA
Milton Carvalho

EDIÇÃO E MIXAGEM
Diogo Lopes

COORDENAÇÃO DE PÓS-PRODUÇÃO
Mayara Millane

STILL
Alef Pontes

IDENTIDADE VISUAL
Raphael Maia

DISTRIBUIÇÃO PARA FESTIVAIS
Vinicius Andrade - Ponta de Areia

APOIO
Covil Filmes

COPRODUÇÃO
REC Produtores e Têm Dendê Produções

RIO DE JANEIRO

A jornada curatorial da IX Mostra Sesc de Cinema foi uma intensa travessia que percorreu a análise crítica de 199 obras fílmicas, sem perder a sensibilidade e o reconhecimento da relevância da livre expressão e da ampla difusão das culturas e histórias dos tantos Rios de Janeiro, pensados desde a Baixada Fluminense à Zona Oeste carioca. Memórias que se projetam por meio de narrativas e estéticas diversas, conectando a ancestralidade à inovação, o arquivo público ao íntimo familiar, a denúncia à fantasia, o cotidiano ao surrealismo, o horror ao romance, o thriller psicológico às fábulas infantis. Esta amplitude de possibilidades tornou ainda mais provocante o processo de seleção dos 24 filmes que representam o estado para todo o Brasil.

A forte presença feminina e de pessoas negras na direção das obras inscritas reflete o impacto causado pela retomada das políticas públicas, sobretudo com o olhar atencioso à democratização do acesso aos recursos para esses cineastas, que, apesar de serem maioria na sociedade brasileira, seguem como minoria na representação política e imagética. Ainda assim, a profunda ausência de realizadores e personagens indígenas e PCDs no processo de inscrição da mostra revela um duro dilema a ser solucionado pelo mercado cinematográfico de modo geral.

O longa *Amuleto*, dirigido pelos cineclubistas, cineastas e educadores de cinema Heraldo HB e Igor Barradas, faz uma analogia à própria história do cinema no Brasil, que nasce como exibidor. Assim como o Mate com Angu — um dos cineclubes mais longevos do país que resiste há mais de 20 anos, cria de Caxias e responsável pela coprodução da obra —, o filme reivindica o deslocamento do olhar: da Baixada como margem para a Baixada Fluminense enquanto centro de produção de imaginários e narrativas no cinema nacional. Não mais como objeto de pesquisa e representação, mas como sujeito da própria história.

Ao revisitar o filme *Amuleto de Ogum*, de Nelson Pereira dos Santos, inspirado pelo roteiro de Chico Santos, realizado durante a ditadura militar e integralmente filmado nas ruas de Caxias, *Amuleto* recupera uma obra fundamental do cinema brasileiro que valoriza as culturas afro-brasileiras e populares. Cumprindo a profecia autofágica de Deleuze, enquanto rompe com a mesma lógica ao defender o território como protagonista, detentor de saberes, memórias e inovação na linguagem cinematográfica.

Esta seleção do Panorama Rio de Janeiro revela as diversas camadas que constituem o solo fluminense. Os filmes retratam as tensões que atravessam o estado que enaltece a preservação dos povos originários enquanto assiste à invasão e violência armada nas favelas; que celebra a potência cultural das periferias enquanto os terreiros são atacados pelo racismo religioso; que apresenta personagens femininas densas e complexas em contraste com a adultização precoce de meninas nas periferias e no campo; que retrata o afeto e o humor nas famílias negras enquanto lida com os traumas intergeracionais causados pelo racismo estrutural; que projeta futuros capazes de refletir e por vezes subverter os dogmas herdados pelo passado.

Tecido por uma programação em que mais de 40% das obras são dirigidas por mulheres, atravessada por diversas obras do cinema negro e por realizadores oriundos das zonas Norte, Oeste, Sul, Centro, Região dos Lagos e pela Baixada Fluminense, este Panorama costura os Rios de Janeiro. Rios profundos que moldam imaginários e memórias, mas que em sua confluência também refletem seus navegantes, lê-se o “moradô”.

Gleyser Ferreira

AMULETO

SINOPSE

93 MIN
DOC
2025
L

Amuleto revela a história do cinema brasileiro pela perspectiva de Duque de Caxias. Mostra como Chico Santos, Erley José e Severino Dadá criaram com Nelson Pereira dos Santos *O Amuleto de Ogum* (1975). O documentário expõe disputas de classe no audiovisual e demonstra como a periferia não só foi representada, mas produziu cinema contra todas as probabilidades, transformando Caxias em coração criativo de uma obra que desafiou estruturas de poder.

MINIBIO DIREÇÃO

Heraldo HB é cineasta, animador cultural e cineclubista. Integra o Cineclube Mate com Angu e coordena o eixo Cinema da Escola Livre de Artes da Baixada Fluminense. **Igor Barradas** é cineasta, cineclubista e educador. Fundador do Cineclube Mate com Angu (2002) e realizou curtas exibidos em festivais como Brasília, Cine Esquema Novo, Filme Livre e Internacional do Rio. Seu trabalho mistura prosa e realidade social na Baixada Fluminense.

DIREÇÃO
Heraldo HB e Igor Barradas

ELENCO
Nelson Pereira dos Santos, Chico Santos, Jean-Claude Bernardet, Jards Macalé, Tizuka Yamazaki, Erley José, Ednaldo Santos e outros

ROTEIRO
Heraldo HB, Igor Barradas e Luisa Godoy Pitanga

PRODUÇÃO
Sabrina Bitencourt e Igor Barradas

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Giordana Moreira e Sabrina Bitencourt

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Igor Cabral

MONTAGEM
Josenstein e Igor Barradas

TRILHA SONORA ORIGINAL
Orkestra Popular Barracão

SOM DIRETO
Anne Santos, Marina d'Ávila, Pedro Moreira e Victor Tigronez

EDIÇÃO E MIXAGEM DE SOM
Ricardo Mansur

PESQUISA
Chico Serra, Heraldo HB e Luisa Godoy Pitanga

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Aurora Eyer

ENTREVISTADOS (ELENCO)
Angela Santos, Antônio Urano, Chico Santos (in memoriam), Eldemar de Souza, Emmanuel Cavalcanti (in memoriam), Erley José (in memoriam), Flávia Daiana, Santos Jards Macalé, Jean-Claude Bernardet (in memoriam), José Cavalcante (Zé Tiroteio), Luiz Carlos Lacerda (Bigode), Marlucia Santos de Souza, Nelson Pereira dos Santos (in memoriam), Ney Sant'Anna, Rui Santos, Severino Dadá, Tizuka Yamasaki e Tonico Pereira

EMPRESA PRODUTORA
Circular Filmes

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
Ednaldo Santos como Cantador

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Ludmila Curi

CÂMERAS
Jorge Bernardo, Josenstein, Pablo Souza e Rafael Mazza

MICROFONISTA
Pedro Dedron

FIGURINO
Gabriella Marra

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO
Samuel Lobo, Wallace Damasceno, Sassá Souza, Marcelo Lima, Bia Pimenta, Geo Abreu, Chico Serra, Ísis Perdigão, Lu Brasil, Cavi Borges,

IDENTIDADE VISUAL
Misael Gonçalo

DESIGN GRÁFICO, MOTION E CARTAZ
Misael Gonçalo

PRODUTORA ASSOCIADA
Estamira Produtora

RIO GRANDE DO NORTE

O filme *Poty'karü — Alimentação Cabocla, Caiçara, Popular Potiguar,* dirigido por Gustavo Guedes, apresenta o estado do Rio Grande do Norte por meio de suas tradições alimentares, revelando a profunda relação entre comida, cultura e memória. A obra compreende a alimentação como um ato social e simbólico, em que os alimentos ultrapassam sua função nutricional para se tornarem elementos de identidade, pertencimento e preservação cultural.

Ao longo do documentário, percebe-se a forte evocação da memória nas narrativas das personagens. A transmissão de receitas e saberes culinários entre gerações evidencia a permanência de vínculos afetivos e culturais que conectam os indivíduos ao seu território e à sua ancestralidade. Os ingredientes utilizados não são apresentados apenas como componentes de uma receita, mas como portadores de histórias, significados e experiências que fortalecem o patrimônio cultural imaterial potiguar.

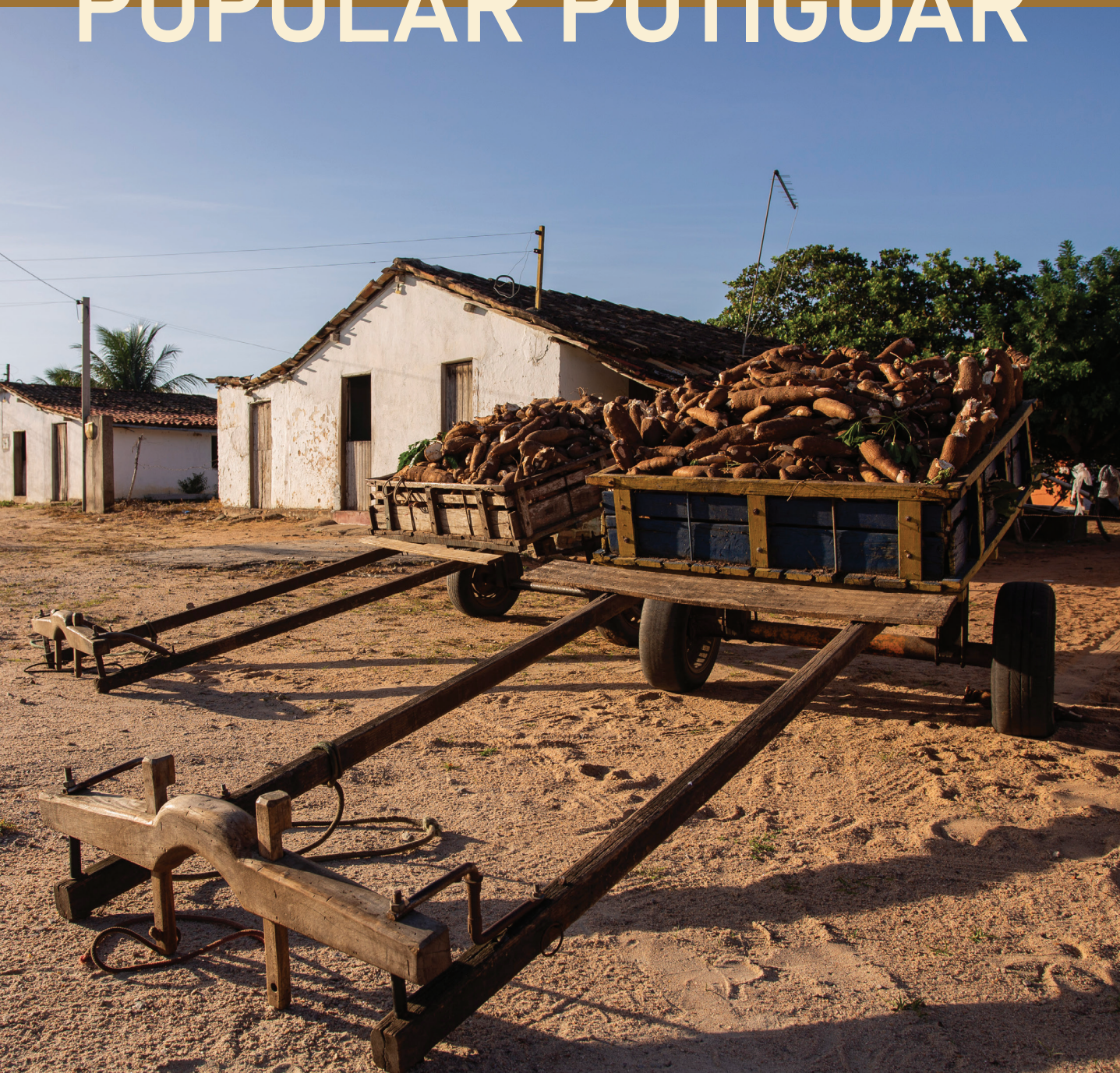
Os pratos tradicionais surgem como expressões de resistência cultural, preservando modos de fazer que atravessam o tempo e reafirmam a continuidade das práticas herdadas dos antepassados. Nesse contexto, a culinária é apresentada como um espaço de encontro entre tradição e transformação, onde os conhecimentos ancestrais permanecem vivos por meio da prática cotidiana.

Ao abordar a temática indígena, Gustavo Guedes resgata referências ligadas à identidade potiguara — povo cujo nome remete à expressão "comedor de camarão" — e evidencia como os modos de preparo dos alimentos constituem importantes instrumentos de afirmação cultural. A obra demonstra que cozinhar é também um gesto de cuidado, afeto, memória e reconhecimento de si, permitindo que diferentes grupos sociais expressem suas identidades e fortaleçam seus laços comunitários.

Dessa forma, *Poty'karü — Alimentação cabocla, Caiçara, Popular Potiguar,* apresenta o Rio Grande do Norte por meio das conexões construídas em torno da culinária, revelando que a alimentação vai muito além do ato de comer. O filme transforma a comida em linguagem cultural e artística, promovendo reflexões sobre memória, ancestralidade, educação e pertencimento. Ao valorizar os saberes tradicionais e os modos de fazer transmitidos entre gerações, a obra reafirma a importância da cultura alimentar como elemento fundamental da resistência e da preservação da identidade potiguar.

Maria Dolores

POTY'KARÜ — ALIMENTAÇÃO CABOCLA, CAIÇARA, POPULAR POTIGUAR



SINOPSE

18 MIN
DOC
2025
L

Poty'karü resgata a culinária potiguar, caiçara, cabocla e popular, registrando hábitos alimentares das populações ribeirinhas, indígenas e quilombolas, preservando a biomemória dos sabores e saberes transmitidos entre gerações.

DIREÇÃO E ROTEIRO
Gustavo Guedes

ELENCO
Luiz Katu (Cacique Potiguara Katu), Maria Barbosa (Liderança Quilombola), Liliane Moura (Liderança Quilombola), Maria Ivoneide Campos (Neide) (Liderança Indígena), Marcelo Antônio (Indígena Mendonça do Amarelão), Mardone Pescador (Ribeirinho Rio Potengi)

EMPRESA PRODUTORA
Ilha Deserta Audiovisual

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Talita Yohana

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Tobias Nevesilva

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Weynna Barbosa

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Sylara Silvério e DAFB

ASSISTENTE DE CÂMERA
Barretinho e DAFB

CÂMERA ADICIONAL
Thamíse Cerqueira

DRONE
Vandré Arcanjo e Thamíse Cerqueira

DIREÇÃO SONORA E PÓS-PRODUÇÃO DE SOM
Herison Pedro

DIREÇÃO DE ARTE E CONSULTORIA DE ALIMENTAÇÃO
Adolfo Ramos

MONTAGEM
Pipa Dantas e edt.

TRILHA SONORA
Tiquinha Rodrigues e Toni Gregório

FOTOGRAFIA STILL
Tiago Lima

IDENTIDADE VISUAL
Fillipe Anjo (Filipe Marcus)

ANIMAÇÃO GRÁFICA
Jorake

MOTORISTA
Gleydson

DISTRIBUIÇÃO
Jefferson Cabral (casaquatroseis)

MINIBIO DIREÇÃO

Gustavo Guedes é graduado em Design Gráfico (UNP), Produção Cultural (IFRN) e Especialista em Cinema (UFRN). Desde 2013 atua com projetos de cinema e educação aliada à acessibilidade de pessoas com e sem deficiência, em especial no festival de cinema itinerante UrbanoCine. Atualmente é diretor e produtor do documentário *Poty'karü — alimentação cabocla, caiçara, popular potiguar*, sobre a alimentação tradicional e suas perspectivas no Rio Grande do Norte.

RIO GRANDE DO SUL

Gaúchos, gaúchas e muitas querências

Perceber o outro está se tornando um processo cada vez mais raro. Enquanto as pequenas telas e suas imagens ágeis tomam a nossa atenção, as pessoas ao nosso redor parecem perder um pouco da graça. Como recuperar essa troca tão importante? Paradoxo ou não, é nas telas grandes que pode morar a abertura de portas para descobrirmos novas pessoas e, com isso, novos mundos. A IX Mostra Sesc de Cinema propõe um convite para que as pessoas saiam de casa e se reúnam em uma sala escura para ver e ouvir histórias, sejam elas vindas da fronteira com um país vizinho ou mesmo da esquina de casa.

A proposta da seleção de filmes do Panorama Gaúcho é trazer um recorte de um Estado produtor de filmes que vão além da paisagem urbana da capital ou do pampa verdejante, que o resto do país acredita ser a nossa única geografia. Marcada pela presença das mulheres, seja como realizadoras ou protagonistas, a seleção busca um caminho em que conhecer os personagens e observar os cenários e locações seja só o primeiro passo rumo aos muitos "Rio Grandes" existentes. Aliás, o próprio termo "querência", muitas vezes utilizado pelos gaúchos para designar o seu território, origina-se, não por acaso, da palavra "querer". Que tal, então, esses filmes feitos no Rio Grande do Sul servirem de portas para "querermos" conhecer o outro?

O longa-metragem *Quando a gente menina cresce*, de Neli Mombeli, escolhido para a mostra regional, é um ótimo exemplo. A obra reúne jovens meninas às voltas com a primeira menstruação. Com liberdade e uma câmera acolhedora, o filme nos presenteia com garotas únicas no modo de se expressarem e de lidar com essa etapa complexa da vida. Ao trazer luz para um assunto que, infelizmente, ainda é tratado aos sussurros por muitas escolas e famílias, a produção é mais que uma experiência cinematográfica. Chamar meninas (e meninos) para o debate é levar o filme adiante, mesmo que as luzes da sala de exibição já tenham sido acesas.

Aos espectadores do Panorama Brasil, a escolha da curadoria foi pelo curta-metragem *Zila*, de Kaya Rodrigues — ao mesmo tempo delicado e forte. Pode-se dizer uma escolha bastante simbólica e significativa, uma vez que, para além da qualidade do próprio filme, esta produção desmente outro tabu ligado ao extremo-sul brasileiro: o da não presença das populações negras no Rio Grande do Sul, ou, pior do que isso, a difusão da errônea ideia de um estado majoritariamente branco. Assim, a talentosa diretora coloca sua câmera de frente para sua própria ancestralidade negra, resultando em imagens difíceis de esquecer e que permitem inúmeras camadas de interpretação. A história, que parte de uma mitologia bantu-moçambicana, transforma um ritual em torno de uma árvore em magia. Não aquela que Hollywood nos vende, mas a do encontro com o metafísico em busca de um repouso digno. Filmado em Santa Cruz do Sul, uma cidade reconhecida em todo o país por sua imigração alemã, mostrar a vida rural pela ótica do povo preto num estado "branquitizado" é uma verdadeira revolução.

O grupo de curadores também olhou para o passado sombrio da capital Porto Alegre; destacou o poder da voz e da tecnologia para curar dores profundas; mirou a masculinidade confusa e falida discutida diante do mar do Atlântico Sul; viu uma senhora cansada das regras de um mundo etarista que louva a juventude. Sejam as infâncias, as questões femininas, o contexto político-social, o exercício da tolerância ou apenas histórias que nos emocionem. A proposta é que estas produções saiam para as ruas juntos com seus espectadores, gerando debates, trocas, lágrimas e sorrisos. O cinema nos modifica, transforma o nosso olhar em diferentes níveis, e é isso que as produções que compõem a programação trazem para os nossos sentidos.

Então, que tal apagar as pequenas telas, que nos trazem tantas informações e imagens, e silenciá-las por algumas horas? Deixe-se envolver pela tela grande e se reconheça nas histórias que ela apresenta. Queira acessá-las com a mente e o coração. Se for difícil para você, troque com quem assistiu ao seu lado. Cinema também é conhecer pessoas feitas de carne e osso e não apenas de luz e sombra. É desse lugar que nascem as melhores histórias. E aqui estão algumas delas.

Bianca Zasso
Daniel Rodrigues

ZILA

SINOPSE

Aos 70 anos, Zila está cansada da solidão. Entre a saudade das memórias do passado e a realidade presente, decide embarcar em um ritual africano de esquecimento.

20 MIN
FICÇÃO
2025

L

ROTEIRO E DIREÇÃO
Kaya Rodrigues

PRODUÇÃO
Gabriel Faccini

ELENCO
Silvia Duarte, Cristal, Álvaro Rosacosta, Cássio Nascimento, Gabriel Faryas, Giselle Rocha, Bruno Kauer e Isadora Gabrielli

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Eduardo Rosa

DIREÇÃO DE ARTE
Bruna Giuliatti e Richard Tavares

TÉCNICO DE SOM DIRETO
Fábio Baltar

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Tamara Mancuso

1ª ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO
Carolina Silvestrin

2ª ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO
Fernanda Reis

MONTAGEM
Joana Bernardes, edt.

TRILHA ORIGINAL
Renan Franzen

ACESSIBILIDADE
Néftali Filmes

DISTRIBUIÇÃO EM FESTIVAIS
Fernanda Etzberger

ARTE GRÁFICA
Vit Lisboa

PÓS-PRODUÇÃO DE IMAGEM
Machina Filmes

SUPERVISÃO DE PÓS-PRODUÇÃO DE IMAGEM
Rafael Duarte

CORREÇÃO DE COR
Rafael Duarte

PÓS-PRODUÇÃO DE SOM
KF Studios

DESENHO DE SOM
Kiko Ferraz e Ricardo Costa

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Ânderson Fragozo e Gabriel Faccini

MINIBIO DIREÇÃO

Kaya Rodrigues é roteirista e diretora. Formada em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialista em Pedagogia da Arte pela mesma universidade, pesquisa há mais de 15 anos cultura popular e africanidade. Fundou os coletivos Criadoras Negras (RS) e Macumba Lab, de cineastas negros no Rio Grande do Sul (RS). Como diretora, trabalhou em filmes como *Vozes do silêncio* (2022), com roteiro do rapper Zudzilla e *Odilon Lopez: essência, semente e luz* (2021). É curadora geral do Festival Cinema Negro em Ação dos anos de 2023, 2024 e 2025. Atualmente desenvolve a série *A lenda de Oriki*, contemplada pelo edital do MinC Audiovisual Gera Futuro.

RONDÔNIA

A força do cinema independente em Rondônia

A produção audiovisual independente em Rondônia vive um momento único. Curtas, médias e longas-metragens. Animações, documentários e ficções. Nunca se produziram tantos filmes no estado, um reflexo direto dos fomentos da Lei Aldir Blanc (em suas duas edições) e da Lei Paulo Gustavo, que tiveram um caráter emergencial no contexto da pandemia de Covid-19, até a instituição da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (Lei nº 14.399, de 8 de julho de 2022).

Ainda que em âmbito local a efetiva implementação dessas ações do governo federal não esteja ocorrendo sem inúmeros desafios para a classe artística, elas têm demonstrado a força do cinema independente rondoniense, que, cada vez mais, se faz presente na programação de mostras e festivais Brasil afora e no exterior, sendo reconhecido pelo potencial de suas histórias e talento de seus profissionais, ganhando diversas premiações.

É nesse contexto profícuo que a IX edição da Mostra Sesc de Cinema em Rondônia se insere. Foram recebidas mais de 20 inscrições de filmes de diretoras e diretores de várias cidades do estado — da capital, Porto Velho, até Vilhena, no extremo Sul rondoniense. Desse universo, a curadoria selecionou duas obras, ambas ficcionais e no formato de curta-metragem: *Destino da pele* (2026), da diretora estreante Marcela Bonfim, filme que representa Rondônia no Panorama Brasil; e *Kika não foi convidada* (2026), do cineasta Juraci Júnior, obra indicada para o Panorama Infantojuvenil.

Destino da pele apresenta ao espectador a personagem Tereza, uma benzedeira negra que, em um dia qualquer em Guajará-Mirim, município rondoniense na fronteira do Brasil com a Bolívia, recebe em sua casa Joaquim, um homem de seu passado. Merece destaque nesse curta a forte atuação da protagonista Tereza, interpretada pela atriz Agrael de Jesus, que, por meio de suas memórias, leva o espectador a conhecer uma história de violência, racismo e solidão, mas também de resistência, com marcas profundas da ancestralidade negra.

O filme insere-se, de certa forma, no contexto do projeto Amazônia Negra,[1] idealizado por Marcela Bonfim, que, trabalhando com a fotografia e a oralidade, traz à tona a memória e o legado da população negra Amazônica. A trilha sonora do curta, em especial a música *Tereza*, foi composta e interpretada pela própria Marcela, homenageando Tereza de Benguela, líder do quilombo Quariterê, na região do Vale do Guaporé. A obra é uma das primeiras experiências da diretora no campo do audiovisual que, neste ano, lançou ainda os curtas *Beira* e *Vermelho paixão*.

Já *Kika não foi convidada*[2] (2026), de Juraci Júnior, é o primeiro filme de Rondônia indicado para a categoria Infantojuvenil na Mostra Sesc de Cinema. Inspirado em uma memória de infância do diretor, o curta narra, de maneira muito sensível, uma história de amizade, empatia e acolhimento entre duas crianças, Kika e Jordson, na periferia de Porto Velho, a partir do momento em que ela, uma menina negra, não é bem-vinda em uma festa de aniversário.

Nesse curta, merece destaque a preocupação do diretor e de sua equipe na formação do elenco infantil com crianças de origem afro-indígena, moradoras de regiões periféricas de Porto Velho, que participaram de oficinas de teatro em escolas e associações comunitárias de modo a não se ter uma seleção baseada em testes de elenco, processo que costuma gerar ansiedade e frustração nas crianças e em suas famílias. Há que se mencionar, ainda, a paisagem do território portovelhense presente nas belas imagens do filme, como o rio Madeira e os trilhos da antiga Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, sobre os quais as crianças andam de bicicleta, e mesmo guloseimas infantis típicas da Amazônia, como o brigadeiro de açaí.

Por fim, um ponto em comum entre esses dois filmes de Rondônia selecionados para a IX Mostra Sesc de Cinema, e que é fundamental ser mencionado, ainda mais em um estado carente de políticas públicas para o audiovisual, é que ambos foram realizados no âmbito da Lei Paulo Gustavo, contemplados pelo Edital nº 1/2024, da Secretaria de Estado da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer do governo de Rondônia, de bolsas para artes em vídeo. Que as políticas públicas para o cinema independente tenham, de fato, vindo para ficar em Rondônia! Por mais Terezas e Kikas nas telas!

Juliano Araújo

1 Para mais informações sobre o projeto Amazônia Negra, ver o site amazonianegra.com.br e o livro *Amazônia Negra: as imagens da cor do (in)visível*, Marcela Bonfim (2025).

2 O projeto desse filme foi o vencedor em 2024 do 25º Laboratório de Projetos de Curta-Metragem do Festival Curta Cinema, em sua 33ª edição, no Rio de Janeiro.

DESTINO DA PELE

SINOPSE

16 MIN
FICÇÃO
2026

L

Em um domingo comum em Guajará-Mirim, Tereza, uma benzedeira negra, recebe em sua casa um homem de seu passado: Joaquim, que na infância a feriu com o racismo. O reencontro reabre antigas dores, mas também oferece a Tereza a chance de ressignificar suas feridas e transformar mágoa em cura.

MINIBIO DIREÇÃO

Marcela Bonfim é diretora, roteirista, artista visual e ativista, com produções voltadas aos direitos humanos, à justiça socioambiental e às narrativas invisibilizadas na Amazônia. Idealizadora do projeto (Re)conhecendo a Amazônia Negra, sua obra transita entre documentário, arte e pesquisa social, abordando identidade, território e memória. Dirigiu filmes como *Aquarteladas* (2018), *Meu meio é o meio ambiente* (2022) e *Não é pra se encher de ar?* (Sesc SP). Em 2026, assina produções como *Beira, Destino da pele, Mucuá, Maria Seringueira* e *Um apito negro na Madeira-Mamoré*. Integra ainda a série *Geografia da Ausência* (HBO) como personagem, pesquisadora e produtora no episódio *Amazônia Negra*.

DIREÇÃO, ROTEIRO, DIREÇÃO DE PRODUÇÃO E PRODUÇÃO EXECUTIVA
Marcela Bonfim

PRODUÇÃO
Ana Maura Ramos Martins

ELENCO PRINCIPAL
Kaline Leigue da Silva Rafaela Brito Correia Regina Coely Amanara Brandão dos Santos Lube Agrael de Jesus

1º ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Rafael Rogante

PESQUISA
Agrael de Jesus

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Paulo Jorge Gomes dos Santos

1º ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Thaiz Lucksis

2º ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Shirley Nunes Monteiro

PRODUÇÃO
Claudeth Lima da Silva

PREPARAÇÃO DE ELENCO
Rafael Rogante

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Avener Prado

1º ASSISTENTE DE CÂMERA
Christian Ritse

2º ASSISTENTE DE CÂMERA
Michele Saraiva

STILL E MAKING OF
Geane Tavares

DIREÇÃO DE ARTE
Rafael Rogante

FIGURINO/
1ª ASSISTENTE DE ARTE
Jusceline dos Santos Saraiva

MAQUIAGEM
Paula Maria Lopes

CATERING
Claudeth Lima da Silva e Jusceline dos Santos Saraiva

SOM DIRETO, DESENHO DE SOM E MIXAGEM
Gleidson Mendes

MONTAGEM, FINALIZAÇÃO E COLORIZAÇÃO
Rafaela Brito Correia, Gleidson Mendes e Michele Saraiva

ACESSIBILIDADE
Intérprete de libras
Raquel Ester Canapés Mendes

TRADUTOR PORTUGUÊS-INGLÊS
Danilo Oliveira

TRADUTOR ESPANHOL
Saulo de Sousa

TRADUTOR FRANCÊS
Ana Chagas

TRILHA SONORA
Marcela Bonfim, Anderson Benvindo e Thiago Maziero

EMPRESA PRODUTORA
Amazônia Negra Filme

RORAIMA

A IX Mostra Sesc de Cinema evidencia a potência e a qualidade do audiovisual roraimense. Da crítica à contemplação, do experimental ao consagrado, observa-se um crescimento significativo das produções no estado. Esse avanço é impulsionado pela ampliação de políticas públicas de fomento à cultura e às artes, tanto por iniciativas do poder público quanto de instituições privadas, com e sem fins lucrativos, favorecendo o surgimento de novos artistas e realizadores.

Esse contexto também contribui para a consolidação de profissionais que, já dotados de talento, criatividade e perseverança, deixam de ocupar apenas o lugar da resistência para se afirmarem como agentes fundamentais na construção e no fortalecimento do audiovisual roraimense. Como resultado, tem-se uma produção cada vez mais diversa, qualificada e representativa das múltiplas identidades, narrativas e realidades que compõem o estado. Nesse sentido, para o Panorama Brasil, apresenta-se como obra escolhida *Frete grátis para todo o Norte, exceto para o Brasil*. O documentário propõe uma reflexão potente, poética, ousada e corajosa sobre identidade, pertencimento e valorização regional, articulando questões socioculturais que atravessam as dinâmicas de representação do território amazônico e suas relações simbólicas com o restante do país. A obra se destaca por sua abordagem crítica e autoral, tensionando tais discussões com consistência.

No plano formal, o filme transita entre o documental e o experimental, incorporando elementos de linguagem que ampliam sua dimensão artística e reforçam o caráter híbrido de sua narrativa. Essa abordagem resulta em uma experiência estética que privilegia a subjetividade e a exploração de formas não convencionais de representação. A linguagem oscila entre o poético e o visceral, em consonância com as escolhas visuais, que ao mesmo tempo impactam e provocam estranhamento. *Frete grátis* configura-se, assim, como um grito do Norte brasileiro direcionado ao restante do país.

Para o Panorama Estadual, destaca-se a obra *No limite do lavrado*, dirigida por Alex Pizano, que apresenta uma realização técnica consistente e evidencia o amadurecimento do audiovisual produzido em Roraima. O filme revela cuidado estético na construção de sua narrativa visual, em especial no modo como registra as paisagens do lavrado. O tratamento contemplativo do território, recorrente na filmografia do diretor, consolida-se como uma marca autoral que valoriza a singularidade geográfica e simbólica do extremo Norte. A fotografia e a composição dos enquadramentos contribuem para a criação de uma atmosfera imersiva, intensificando a dimensão sensorial da experiência cinematográfica.

Esta nona edição da Mostra Sesc de Cinema apresenta um recorte significativo que sintetiza um cenário de crescimento e conquistas do audiovisual roraimense. Se, por um lado, a técnica, as belezas e as paisagens encantam o olhar, por outro, a ousadia, o estímulo ao pensamento crítico e a reflexão, aliados a uma linguagem potente, expressiva e de forte identidade, revelam diferentes olhares sobre o território, seus sujeitos, suas memórias e seus desafios.

Leilton Saldanha Santos

FRETE GRÁTIS PARA TODO O NORTE, EXCETO PARA O BRASIL

SINOPSE

12 MIN
DOC
2025

L

Frete grátis para todo o Norte, exceto para o Brasil é um documentário que acompanha a produção artística contemporânea da Amazônia roraimense, reunindo diferentes linguagens e trajetórias que desafiam o lugar há muito imposto ao Norte no imaginário nacional. A partir das obras e performances de artistas como Pérola, Eliakin Rufino, João Biase e Ikaro, o filme constrói um percurso sensível entre arte, território e política. Cada criação revela uma Amazônia viva, múltipla e contraditória — atravessada por ancestralidades indígenas, experimentações digitais, questões de identidade e disputas por visibilidade. Entre poesia falada, instalações, colagens, performances e narrativas visuais, o documentário evidencia como esses artistas não apenas representam a Amazônia, mas a reinventam. Suas obras confrontam estereótipos, questionam o conceito de "Brasil profundo" e tensionam as estruturas que, ao longo do tempo, limitaram o acesso e a circulação da produção cultural nortista. Ao articular essas vozes, *Frete grátis para todo o Norte, exceto para o Brasil* se afirma como um manifesto coletivo: uma obra que desloca o centro, reposiciona a Amazônia roraimense como território de criação e propõe novas formas de imaginar o Brasil a partir de quem sempre foi colocado à margem.

DIREÇÃO
Rafael Pinto (Pérola)

ARTISTAS VISUAIS
Rafael Pinto (Pérola), Eliakin Rufino, João Biase e Ykaro amorim (Yrary)

PERFORMANCE, POESIA E MÚSICA
Eliakin Rufino

VJ
Ykaro amorim (Yrary)

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Embuá Produtora Cultural

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E ASSESSORIA DE MARKETING
Arraia.br

GERENCIAMENTO DE PRODUÇÃO
Poliana Queiroz

PRODUÇÃO
Edson Leite

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Gyulle Anne Teixeira, Pamela Duarte e Carina Mendes

MONTAGEM E EDIÇÃO
Julhy Van Den Berg

CAPTAÇÃO DE IMAGENS
Julhy Van Den Berg e Tê noronha

IMAGENS AÉREAS (DRONE)
Jean Steferson

OUTLINE
Elisa Coimbra

TEXTOS
Will Guilherme

TRILHA SONORA
Eliakin Rufino

ARTISTA CONVIDADO
Reiner

MINIBIO DIREÇÃO

Rafael Pinto (Pérola) é artista visual, curador e realizador audiovisual. É doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA/UFRR), professor de Arte na rede pública estadual e fundador da Embuá Produtora Cultural. Sua atuação se estende à curadoria de exposições, concepção de mostras de cinema e realização de projetos educativos interdisciplinares que conectam as linguagens das artes visuais e do audiovisual, em diálogo com instituições culturais públicas e privadas. Com foco na valorização de artistas e narrativas do Norte do Brasil, desenvolve publicações, ações formativas e projetos artísticos.

SANTA CATARINA

A Mostra Sesc de Cinema chega à sua nona edição em um momento de consolidação do cinema catarinense, marcado pela diversidade de olhares e pela capacidade de alcançar novos espaços de circulação.

Entre os títulos inscritos, destacam-se obras que percorrem diferentes territórios e modos de vida. Perspectivas indígenas, negras e comunitárias dialogam com filmes que investigam tensões sociais contemporâneas.

Em contraste com as imagens hegemônicas associadas a Santa Catarina, o cinema catarinense revela territórios em disputa, histórias silenciadas e experiências à margem dessa representação.

Destaca-se a presença de produções com maior robustez, circulação em festivais nacionais e internacionais e participação de artistas de reconhecimento nacional, aspectos que revelam o amadurecimento da cadeia audiovisual catarinense.

Um dos traços mais marcantes deste panorama é a importância da autoria e do vínculo entre quem filma e o território filmado. O resultado é um cinema que amplia sua presença sem romper com os territórios, memórias e comunidades que lhe dão origem. Quanto mais diversas forem as vozes que o realizam, mais amplo será o horizonte das histórias que ainda poderá contar.

Valeska Bittencourt

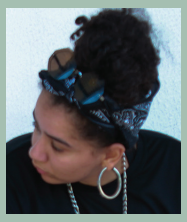
NAÇÃO HIP HOP: CULTURA DE RUA

SINOPSE

16 MIN
DOC
2025
L

O documentário entrelaça depoimentos de sete protagonistas cujas vivências pessoais se fundem às memórias do programa. Com arquivos audiovisuais, o filme percorre os principais marcos do Nação Hip Hop, das dificuldades iniciais às conquistas de prêmios, revelando o profundo impacto social gerado. Participações especiais de MV Bill, Cacá Diegues, Douglas Silva e dos Racionais MCs, entre outros ícones do cinema e do rap nacional, reforçam a relevância desse legado.

MINIBIO DIREÇÃO



Mestranda no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), **Laia Orisa** tem 23 anos. Faz parte do grupo Nação Hip Hop e fez parte da produção de eventos como BD4T de 2023 e 2025 em Florianópolis, assim como da quarta Mostra Brasil de Cinema em Florianópolis. É artista plástica e ativista do Movimento Negro, e, em 2019, teve uma de suas obras selecionada pela Bienal Black, na Exposição Coletiva no Museu Cruz e Souza, em Florianópolis (SC). O curta *Nação Hip Hop* é sua primeira produção audiovisual.

DIREÇÃO E DIREÇÃO DE ARTE
Laia Orisa

ELENCO
Marcos Antônio Batista, Marcelo Corcel, Carlos Pepo, Dagh Passos, Jupira Dias, Edsoul Amaral, MV Bill, Juninho

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Leo Russo

MONTAGEM E PÓS-PRODUÇÃO
Andy Puerari

TRILHA SONORA
MvBill, Racionais MC e Facção Central

GERENCIAMENTO DE FESTIVAIS
Arapuá Filmes

EMPRESA PRODUTORA
Rio Produções e Grupo Nação Hip Hop SC

ANIMAÇÃO
Nina Pinho e Uli Cristine

SÃO PAULO

Na IX edição da Mostra Sesc de Cinema Paulista, foram recebidas mais de 500 obras pela equipe de curadoria. Diante desse conjunto expressivo, reconheceu-se uma ampla diversidade de temas, formatos e abordagens estéticas. Ainda assim, no âmbito dessa pluralidade cinematográfica, foram identificadas marcas estéticas recorrentes que dialogam com o contexto contemporâneo no qual a produção audiovisual está inserida.

Em meio ao contexto atual, marcado pela tecnologia que amplia as possibilidades do fazer cinema, ao mesmo tempo que democratiza as narrativas fílmicas, observou-se a reincidência do uso de imagens feitas por drones, dos registros em ato ou mesmo do subterfúgio do metacinema. Propostas estéticas que discutem o papel do cinema como difusor de ideias, agregador de sujeitos e espelho social, bem como questionam quem detém a premissa de realizar filmes, também se mostraram presentes nas obras inscritas.

Fundamentada nessas questões, a equipe curatorial selecionou onze curtas-metragens e três longas-metragens que se diversificam entre a ficção, o documentário e a animação. O conjunto de obras que compõe a Mostra Sesc de Cinema Paulista apresenta filmes que trazem uma multiplicidade de territórios e corpos que perpassam o registro da memória como ato de resistência e afetividade. São obras que demonstram a variedade de sujeitos e subjetividades que convivem, ou sobrevivem, dentro do cenário nacional contemporâneo.

Entre memórias do passado e a construção de um futuro distópico, filmes como *Fronterixa*, de Nay Mendl e Rosa Caldeira, *Trava línguas: quem soul eu?*, de Linn da Quebrada e Rodrigo de Carvalho, e *O novo corpo*, de Luciana Malavasi, reafirmam o direito à existência, ao mesmo tempo que provocam, às vezes até de maneira inquietante, novas perspectivas e narrativas capazes de enriquecer o debate coletivo.

Da mesma maneira, obras como *Ancestralidade, presente*, de Juliana Sangion e Caue Nunes, *Sano*, de Ester Silva, Paula Kristina e Matheus Rodrigues e *Alice*, de Gabriel Novis, proporcionam a quebra de estereótipos e abrem espaço para as reflexões acerca da relação entre corpo e território em suas múltiplas identidades na sociedade.

Por outro viés, a cinematografia de *Até onde a vista alcança*, de Alice Villela e Hidalgo Romero, *Assentadas*, de Liara Pinheiro, *Duwid Tuminikiz — Makunaima é Duwid?*, de Gustavo Caboco Wapixana, questiona narrativas hegemônicas e convida o espectador a adentrar os diferentes territórios por meio de narradores e estéticas diversas, visto que a escolha dos modos de apresentar determinadas histórias interfere em como serão absorvidas.

Por fim, filmes como *Ilú Obá De Min vozes que ecoam*, de Bárbara Magalhanis, *Entrevista com fantasmas*, de Lincoln Péricles, *Alma errante — Hibakusha*, de Joel Yamaji, *Cordões e sinos de além-mar*, de Yuji Kodato e Jeremias Brasileiro, e *Replikka*, de Piratá Waurá e Heloisa Passos, nos levam a pensar sobre ancestralidade e memória, tecendo um encontro com personagens, tradições, territórios e afetos. Obras que proporcionam uma experiência cinematográfica que dialoga com sensibilidade com tradições e saberes que atravessam gerações.

Nesse sentido, o audiovisual revela-se uma potente ferramenta de expressão das múltiplas identidades e modos de vida. As obras aqui reunidas, seja ao revisitar o passado ou projetar futuros, reivindicam o direito à existência de corpos, memórias e territórios. Logo, o ato de filmar é também o de revitalizar narrativas, combatendo seu apagamento material, simbólico e político, abrindo caminhos para novas possibilidades de existência, resistência, reconhecimento e imaginação coletiva. Compartilhar esses pontos de vista diversos é o convite que a curadoria oferece, por meio da seleção da Mostra Sesc de Cinema Paulista.

Branca Zilberleib, Cecília De Nichile, Marcus Bellizzi,
Nadia Mangolini, Sabrina Tenguan e Thais Scabio

ANCESTRALIDADE, PRESENTE

SINOPSE

95 MIN
DOC
2026
L

O documentário *Ancestralidade, presente* traz a presença indígena no ensino superior e acompanha as trajetórias e os desafios de cinco estudantes de diferentes etnias, que deixaram seus territórios de origem para estudar na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no Brasil. O filme mostra como esses estudantes, das etnias Baré, Munduruku, Pankararu, Kuikuro e Fulni-ô, transformaram o cotidiano acadêmico em território de resistência, memória e afirmação identitária. A partir de seu ponto de vista, cada protagonista narra suas experiências, afetos e conflitos dentro e fora da universidade. O documentário acompanha a visita de três estudantes a seus territórios, reforçando a ideia de que o deslocamento que fizeram até a universidade não foi apenas geográfico, mas também social.

MINIBIO DIREÇÃO

Juliana Sangion é doutora em Multimeios—área de cinema brasileiro, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Autora do livro *Vale a pena ver de novo? O impacto de 20 anos da Globo Filmes nas relações entre TV* e cinema no Brasil (2018, Traçado Editorial). **Caue Nunes** é antropólogo e cineasta, realizou nove curtas-metragens, sendo três documentários e cinco ficções. Recebeu doze prêmios em festivais de cinema e os curtas participaram de festivais em diversos países.

DIREÇÃO
Juliana Sangion e Caue Nunes

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Camilla Ribeiro

ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO E LOGAGEM
Juliana Brombim

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Jean Marcel Camargo e Rafael Smaira

SOM DIRETO
Murilo Dias de Freitas

SUPERVISÃO DE SOM
Som de Black Maria

DESENHO DE SOM
Léo Bortolin

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Fernanda Viana

MONTAGEM E COLOR GRADING
Pedro Pinho

TRILHA SONORA
Pablo Francisco

OPERAÇÃO DE CÂMERA
Jean Marcel Camargo, Rafael Smaira, Caue Nunes, Eyder Kubeo e Juliana Brombim

MIXAGEM
Thais Rizzo

EMPRESA PRODUTORA
2.8 Filmes

TOCANTINS

O processo de avaliação das obras audiovisuais do Tocantins para a IX Mostra Sesc de Cinema evidencia um cenário em constante amadurecimento, onde constatamos diferentes formas de narrar o território, a memória e as relações humanas de nossa terra.

As obras demonstram a busca e o desejo dos cineastas de apresentar ao público propostas estéticas, com histórias reais ou ficcionais de personagens tocantinenses. É a produção local reafirmando o cinema como espaço de criação, reflexão e diálogo com as múltiplas realidades que constituem o estado. As obras inscritas trouxeram filmes de curta e longa duração, que foram da comédia ao drama, dos filmes de heróis fantásticos à cultura das pinturas corporais indígenas e do grupo de teatro circulando pelo cerrado aos sobreviventes e testemunhas da ditadura militar no Bico do Papagaio.

Foram selecionadas duas obras: a primeira é *O match*, dirigido por Gabriela Maia, que se destaca pela solidez de sua construção narrativa e pelo rigor técnico empregado em sua realização. O filme traz elementos comuns na atualidade: a solidão da pandemia, a relação com o celular, as redes sociais e a delicada situação de insegurança que todos podem encontrar. A obra foi selecionada como Destaque Estadual, representando a qualidade e a diversidade da produção audiovisual tocantinense.

Já *Uma estrada que corta o território Xerente*, dirigido por Túlio de Melo, apresenta um percurso cinematográfico que alia potência visual, sensibilidade documental e relevância temática. Ao voltar seu olhar para o território e para as questões que atravessam o povo Xerente, o filme constrói uma narrativa de grande impacto estético e político, conduzida por imagens de expressiva força visual. Sua capacidade de provocar reflexão, ao mesmo tempo que amplia o conhecimento sobre os territórios, as identidades e as culturas indígenas, faz da obra uma importante representante do audiovisual brasileiro contemporâneo, justificando sua indicação para a categoria Panorama Brasil.

À primeira vista, *O match* e *Uma estrada que corta o território Xerente* parecem ocupar lugares distintos dentro da produção audiovisual contemporânea. Enquanto o primeiro aborda uma experiência que atravessa diferentes sociedades — a violência de gênero potencializada pelas relações mediadas pela tecnologia e pelo isolamento —, o segundo se ancora em um território específico, marcado pela presença e pela resistência do povo Xerente diante das transformações impostas pela estrada que corta a terra indígena. No entanto, essa distinção entre o universal e o local logo se desfaz. A solidão, o medo, a disputa por espaço, o direito à existência e à memória atravessam ambas as narrativas, revelando que o cinema encontra sua maior potência justamente quando parte do particular para alcançar aquilo que é compartilhado. As disputas diárias enfrentadas aqui também existem nas Américas, no Oriente Médio, na Europa.

Mais do que reconhecer obras de excelência, esta edição da Mostra Sesc de Cinema reafirma o compromisso da instituição com a valorização da produção independente, com a difusão de diferentes perspectivas sobre a realidade brasileira e com o fortalecimento do cinema como instrumento de formação cultural. O audiovisual produzido no Tocantins dialoga de maneira qualificada com questões da atualidade humana, preservando, ao mesmo tempo, a singularidade de seus territórios, de suas memórias e de seus modos de existir.

Gabriel Dias de Souza

UMA ESTRADA QUE CORTA O TERRITÓRIO DO XERENTE

SINOPSE

72 MIN
DOC
2025

12

Uma estrada que corta o território do Xerente é um documentário indígena que tem como objetivo provocar uma reflexão sobre o conceito de território a partir da realidade do povo indígena Xerente, cujo território é cortado por uma estrada que é utilizada durante a narrativa do documentário como um chamado para reflexão sobre o conceito de território indígena.

DIREÇÃO E ROTEIRO
Túlio de Melo

ELENCO
Romário Srowasde Xerente, Rogério Srône Xerente, Sílvia Letícia Kêti Xerente, Eneida Brupahi Xerente, Narubia Werreria Karajá, Adolfo Pereira Borges, Lídia Soraya Liberato Barroso. Cleube Alves da Silva, Leandro Ikolar Javaé, Aparecido Matrizio Cardoso Lopes, Lenimar Werreria Karajá.

EMPRESA PRODUTORA
GBM Filmes

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Romário Srowasde Xerente e Leandro de Alcântara

PRODUÇÃO
Getúlio Barros de Melo

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Djalmir Senna

FOTOGRAFIA
Keven Lopes e Glêves Campos Silva Filho

COMPOSIÇÃO MUSICAL
Heitor Martins Oliveira

MIXAGEM, MASTERIZAÇÃO E DESENHO DE SOM
Frederico Garibalde

MÚSICOS
Heitor Martins Oliveira, Frederico Garibalde e Jeferson Leite

MONTAGEM, EDIÇÃO E COLORAÇÃO
Leandro de Alcântara com a colaboração de Túlio de Melo

IMAGENS DE ARQUIVO
Odair Giraldin

STILL
Iris Azevedo

ACESSIBILIDADE
Zênite Studios

CARTAZ
Jackie Melo

MINIBIO DIREÇÃO

Túlio de Melo é mestre em Filosofia. Produtor, roteirista, diretor e distribuidor da GBM Filmes. Ao longo de sua carreira, já produziu dez obras entre curtas-metragens de ficção e documentários e longas-metragens de documentário.

INFANTO-JUVENIL

PANORAMA

BAHIA

A COR DA PATROA

SINOPSE

24 MIN
FICÇÃO
2026

L

Com a suspensão das aulas, devido à tensão policial em represália a um protesto da comunidade, uma criança acompanha a mãe em um dia de trabalho como empregada doméstica e se surpreende ao conhecer a patroa dela.

MINIBIO DIREÇÃO

Milena Anjos é graduada em Jornalismo e Produção em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, pós-graduanda em política e gestão cultural na Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Roteirista e Produtora da websérie *Punho Negro*, premiada como Melhor Ideia Original pelo Rio Webfest 2018. É roteirista das séries *Casa da Vó* e *Eu, minha house e minha quebrada* — realizações da Wolo TV. Roteirista da série documental *Creator Spotlight*, um original YouTube Brasil. Realizou a produção do documentário *Cine Rio Branco* (2017) e do curta-metragem *Cinco fitas* (2020). Roteirizou e codirigiu o documentário *Mulheres na produção* (2018) e o curta-metragem de ficção *Transição* (2017), sendo *A cor da patroa* a sua primeira direção solo.

DIREÇÃO
Milena Anjos

ELENCO
Flor de Maria, Iana Nascimento, Sabrina Bispo

EMPRESA PRODUTORA
Sujeito Filmes

ROTEIRO
Leandro Souza

PREPARAÇÃO DE ELENCO
Heraldo de Deus

PARTICIPAÇÃO EM VOZ OFF
Heraldo de Deus, Maria Pereira e Milena Anjos

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Heraldo de Deus e Leandro Souza

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Gabriela Correia

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Naira Nanbiwí Soares

CONTINUÍSTA
Inajara Diz

PRODUÇÃO/LOGGER
Vilma Carla Martins e Djalma Calmon

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Wendel Assis

ASSISTENTES DE FOTOGRAFIA
Bruxa Pr3t4
Alexsandro Venas

MAQUINÁRIA E ELÉTRICA
Alessandro Wilber

ASSISTENTE DE MAQUINÁRIA E ELÉTRICA
Alexsandro Venas

DIREÇÃO DE ARTE
May Barros

ASSISTENTES DE ARTE
Rozana Oliveira, Katharina Portela e Maiana Brito

FIGURINO
Deyse Borges

MAQUIAGEM
Daiara Ferreira

CABELO
Marília Aragão

DIREÇÃO DE SOM (TÉCNICA DE SOM DIRETO)
Marise Urbano

MICROFONISTA E ASSISTENTE DE SOM
Omibulu

MONTAGEM
Larissa Fulana de Tal

CORREÇÃO DE COR
Erick Paz

TRILHA SONORA ORIGINAL
Elinas

STILL
Júlia Balista

CATERING
Cândida de Deus

MOTORISTAS (TRANSPORTE E CARRETO)
Leonardo Amorim, Elenildo Carneiro e Antonio Luiz

ASSESSORIA JURÍDICA
Marcelo Coelho

ASSESSORIA CONTÁBIL
Sangoci Contabilidade

ACESSIBILIDADE
AD Arte

DISTRITO FEDERAL

HACKER LEONILIA

SINOPSE

No futuro, uma hacker idosa e bordadeira precisa lidar com seus próprios problemas e usar suas habilidades para escapar de uma realidade virtual. Esta história é baseada na vida da avó do diretor, Leonilia Ferreira.

15 MIN
ANIMAÇÃO
2025

12

DIREÇÃO E ROTEIRO
Gustavo Fontele Dourado

PRODUÇÃO
Gustavo Fontele Dourado, Lucy Landwehr e Rafael Moura

DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO
Antonia Muniz

ELENCO
Leo Thilé, Leni Rabi, Larissa Souza, Tauã Franco, Marcia Costa, Maria Léo, Gustavo Dourado, Maria Félix Fontele

MONTAGEM
Carol Resende e Lucy Landwehr

FOTOGRAFIA
Ana Luíza Meneses

DIREÇÃO DE ARTE
Catarina Ribeiro

DESIGNER DE SOM/
EDIÇÃO DE ÁUDIO
Fernando Aranha

MIXAGEM
Paulo Gama

GRAVAÇÃO DE VOZES ORIGINAIS
Olivia Hernandez e Gabriel Vilela

TRILHA SONORA
Tássio Caetano

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Gustavo Fontele Dourado, Lucy Landwehr, Rafael Moura e Lorena Figueiredo

ANIMAÇÃO CUT-OUT
Beatriz Ballai, Bruno Ricci, Camila Vianna, Leonardo Cesar, Stephany Dias e Yago Almendi

ANIMAÇÃO TRADICIONAL
Flávia Godoy, Sol Soares e Thaly Chrys

ANIMAÇÃO DE EFEITOS
E COMPOSITE
Vini Moreira

EMPRESA PRODUTORA
Fontele Studios

EMPRESA COPRODUTORA
Lucy Landwehr, Algo Além Filmes e Avera Filmes

EMPRESA PRODUTORA
ASSOCIADA
Toti Produções e Madá Produções

DISTRIBUIDORA
Premiere Film (Itália)

MINIBIO DIREÇÃO

Gustavo Fontele Dourado é do Distrito Federal e trabalha como diretor, produtor e roteirista. É sócio da Fontele Studios. Dirigiu o curta de animação *Hacker Leonilia*, que venceu Menção Honrosa no Animaí, e também escreveu o roteiro da versão longa com apoio do Rumos Itaú Cultural. Com diversos projetos, participou de festivais como Brasília, Trancoso, Cannes, Osnabrück e mercados como San Sebastián, Marché du Film, Veneza, Tromsø, BAM e o MICBR. É formado em cinema e mídias digitais pelo IESB.

MATO GROSSO

PÉ DE GARRAFA

SINOPSE

15 MIN
FICÇÃO
2025

L

Isabel, Jorge e Augusto vão passar as férias na chácara do avô Antônio, que já está cansado das brigas dos netos pela televisão. Para distraí-los, ele conta uma história assustadora sobre como perdeu o dedo para um monstro chamado Pé de Garrafa. Isabel, que sonha em se tornar cineasta, vê na lenda uma oportunidade única e convence os primos a caçar a criatura enquanto registram tudo com uma câmera, desafiando o avô sobre a existência do bicho. A chácara então se transforma em um mundo de suspense e exploração, onde os três vagam por cada canto como se estivessem em um verdadeiro filme de terror.

MINIBIO DIREÇÃO

Natural de Cuiabá, **Everson Teodoro** é jornalista formado pela Universidade de Cuiabá, dramaturgo egresso da MT Escola de Teatro e roteirista audiovisual. É autor do curta-metragem *As memórias que eu não queria ter* (2021), produzido em Rondonópolis pela Filmes Simples em parceria com o Coletivo CorpoAnu. No teatro, desenvolveu os textos *Alheios* (2020), *Éter* (2020), *Floresta encantada* (2021, em parceria com Joelson Jogosi) e *Maria vai ao matavigismo* (2021, em parceria com Octávio Gama). Em 2023, foi contemplado pelo edital Curta Criança, promovido pelo Ministério da Cultura, sendo o único projeto selecionado do estado de Mato Grosso em âmbito nacional. Dessa conquista nasceu o curta-metragem *Pé de garrafa*, escrito e dirigido por ele, atualmente em processo de circulação em festivais. Mais recentemente, foi selecionado no Edital de Desenvolvimento de Roteiro — Cinemotion (SECEL-MT/Lei Paulo Gustavo, 2023) com a obra *Meu querido sepulcro*, onde desenvolve o seu primeiro longa-metragem. Everson também roteirizou o curta-metragem *Naquela quarta-feira*, projeto aprovado no Edital de Chamamento Público — nº 001/2023 (Lei Paulo Gustavo) — Audiovisual, processo nº 9929124/23.

DIREÇÃO E ROTEIRO
Everson Teodoro

ELENCO
Mariah Luiza França Silva, Dhavi Luiz da Silva Tomaz, Arthur Pereira Santos, Edilton Ramos, Carolina Vidal Montenegro

EMPRESA PRODUTORA
Paralelo 15 Filmes

CONSULTORIA DE ROTEIRO E PESQUISA
Tiemi Oto

PRODUÇÃO
Milena Pimentel

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Bárbara Varela, Carla Piala, Milena Pimentel e Gabriela Fogagnoli

PRODUTORA DE LOCAÇÃO
Milena Pimentel

GERENTE ADM/CONTROLLER
Gabriela Fogagnoli

ASSESSORIA JURÍDICA
Mateus Belufi

ANALISTA DE ESG
Carla Piala

ASSISTENTE DE ESG
Gabriela Fogagnoli

CONTABILIDADE
JG Oliveira Assessoria Empresarial

ENFERMEIRA
Adriana Arruda Santos

CATERING
Guloseimas da Neuzinha

SEGURADORA
Tokio Marine

1º ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Vitória Molina

2º ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Pollyana Rodrigues

CONTINUÍSTA
Caru Roelis

PREPARADOR DE ELENCO
Caio Augusto Ribeiro Bertoni

PRODUTORA DE ELENCO
Ana Maria de Araújo

PLATÔ
João Paulo Nunes de Queiroz

ASSISTENTE DE PLATÔ
Davi Nunes de Queiroz

ASSISTENTE DE SET
Pedro Moura

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Marcelo Biss

1º ASSISTENTE DE CÂMERA
João Pedro Regis

2º ASSISTENTE DE CÂMERA
Jodynilson Alves Lima

AUXILIAR DE MAQUINISTA
Jodnylson Alves Lima

VÍDEO ASSISTENTE
Ewandro Araujo de Campos

GMA
André Torres

MAQUINISTA
Jailço Antonio de Lima

ELETRICISTA
Luciano Marquis

ASSISTENTE DE ELÉTRICA
Diego Alan Pereira Alexandre

MAKING OF E STILL
Ricardo Cruz

TÉCNICO DE SOM DIRETO
Mateus Campioni

ASSISTENTE DE SOM DIRETO/MICROFONISTA
Débora Veiga

MONTADOR
André Torres

DESENHO DE SOM
Eddy Rodrigues

DIREÇÃO DE ARTE
Victoria Magri, José Augusto Barbosa

ASSISTENTE DE ARTE
Heidi Tonon

ASSISTENTE DE OBJETOS
Luiz Guilherme Marij

CENOTÉCNICO
Marlon Emilio Rinaldi Falcão

FIGURINISTA
Giu Otomura

MAQUIAGEM E CABELO
Karla Marinho

PARÁ

GUARDIÕES DA COBRA GRANDE

SINOPSE

10 MIN
ANIMAÇÃO
2025

12

Nas profundezas da Amazônia, uma enorme criatura dorme profundamente. Seu sono é protegido pelos guardiões há milhares de anos, e seu despertar pode trazer destruição para toda a humanidade. Porakin, um guardião novato, está empolgado para o seu primeiro dia de trabalho, quando um pequeno descuido pode colocar tudo em risco. *Guardiões da cobra grande* é uma animação inspirada nas tradições amazônicas, misturando aventura, magia e legado.

MINIBIO DIREÇÃO

Yago Mendonça de Almeida é profissional de audiovisual, com experiência em edição, direção, roteiro e animação. Atuou em projetos como *Brinquedonautas* (2018), Os *Chocolix* 4ª e 5ª temporadas (2022-2024), *Felícia e os super-resíduos do bem* (2023), *Hacker Leonilia* (2024), A*brigo pé de jambo* e *Guardiões da cobra grande* (2024), além de *Matilda, O Tic e o Tigre, As expedições de Iza* e *Los Colorado* (2025). Atualmente, coordena o projeto Urutoon — Curso de Animação Independente e faz parte do coletivo de animação paraense Luzko Fuzko.

ANIMAÇÃO
Anne Rodrigues, Arthur Braga, Carlos Gustavo, Thaly Chrys, Gabriel Maciel, Elison Ribeiro, Giza Santos, Cristelli Carla, Marcela Moro

ELENCO
Kleyton Silva, Rudá Tupy, Sandrinha Eletrizante

PRODUÇÃO EXECUTIVA E DE LINHA
Adriana Pinto e Joice Ribeiro

HISTÓRIA
Luzko Fuzko

ROTEIRO
Pricilla Maria

DIREÇÃO
Yago de Marília

STORYBOARD
Carlos Gustavo e Thaly Chrys

DESIGN DE PERSONAGENS
Luzko Fuzko

CENÁRIOS
Keoma Calandrini e Gabriel Maciel

RIGGING
Elison Ribeiro e Fabiano Bomfim

SETUP
Ana Luísa Nunes

GRAVAÇÃO DE VOZ ORIGINAL E ADR
Thiago Albuquerque

VOZ ORIGINAL
Kleyton Silva Voz (Porakin), Rudá Tupy (Raúna) e Sandrinha Eletrizante (Kaoni)

ANIMAÇÃO
Anne Rodrigues, Arthur Braga, Carlos Gustavo, Cristelli Carla, Elison Ribeiro, Gabriel Maciel Giza Santos, Marcela Moro e Thaly Chrys

EDIÇÃO/MONTAGEM
Luís Felipe Almeida

TRILHA ORIGINAL, SOUND DESIGN E MIX
Fernando Cañedo

PÓS-PRODUÇÃO DE ÁUDIO
Data Estelar Estúdios

SOCIAL MEDIA
Hygor Lisboa

COORDENAÇÃO DE ACESSIBILIDADE
Alípio Neto

INTÉRPRETE DE LIBRAS
Ariane Souza

ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO
Yara Forastieri

CONSULTORIA ESPECIALIZADA
Nathalie Beccaro

NARRAÇÃO/EDIÇÃO
Henrique Natalio

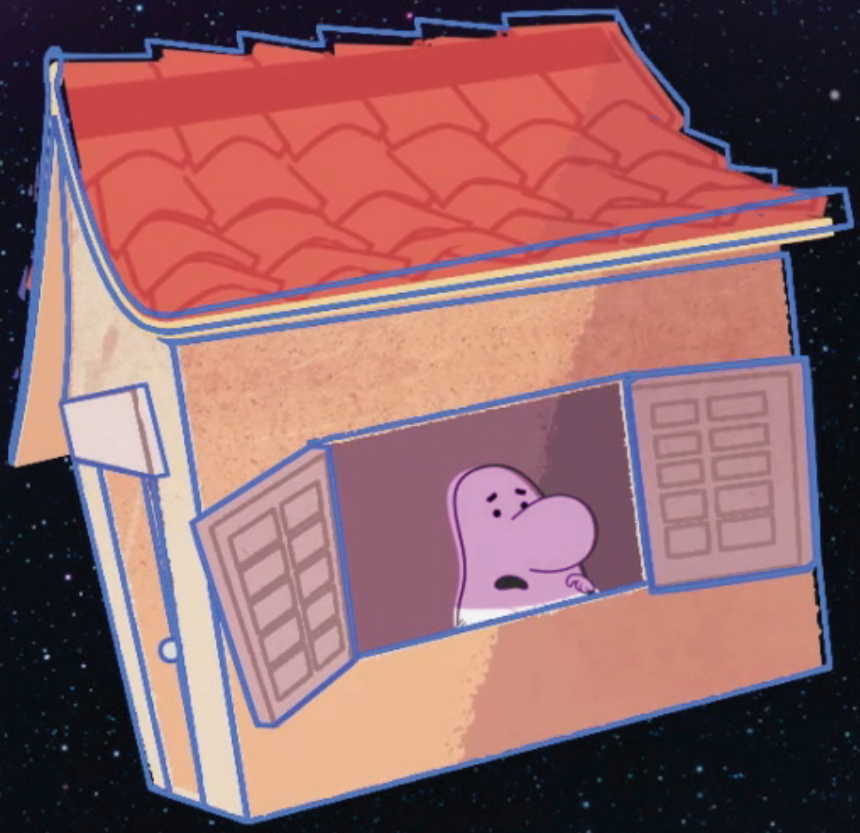
CONTROLLER
Hugo Caserta

ASSESSORIA JURÍDICA
Borges Sales & Alem Advogados

LEGENDAS (INGLÊS E ESPANHOL)
VLegendagem

PARANÁ

ECOS DO AMANHÃ



SINOPSE

8 MIN
ANIMAÇÃO
2026

L

Em um mundo onde o cotidiano revela silenciosamente os sinais do colapso ambiental, uma pequena abelha percorre três histórias interligadas que expõem os dilemas da nossa era: a alienação urbana, o consumismo desenfreado e a escassez de recursos naturais. Sem diálogos, o curta-metragem *Ecos do amanhã* nos convida a refletir sobre nossos hábitos e escolhas diante da crise climática. Além do alerta, é um convite à reflexão do presente e do futuro incerto.

MINIBIO DIREÇÃO

Antonio Eder é diretor, produtor, diretor de arte, ilustrador e quadrinista, com atuação na área de animação desde a década de 1990. Possui ampla experiência em publicidade, longas-metragens e séries animadas. Ao longo de sua trajetória, foi produtor e diretor de arte de diversos longas-metragens, além de curtas-metragens premiados.
É sócio-fundador da Dogzilla Studio, estúdio de referência no mercado de animação, onde desenvolve, produz e dirige projetos de animação e quadrinhos para o Brasil e o exterior.
O curta-metragem *Ecos do amanhã* é sua estreia como diretor.

DIREÇÃO
Antonio Eder

ANIMAÇÃO
Antonio Eder e Thiago do Carmo

ELENCO
Julio Muzzi, Vadecoo Schetini, Victor Willian

EMPRESA PRODUTORA
Dogzilla Studio

ROTEIRO
Antonio Eder e Walkir Fernandes

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Walkir Fernandes

DIREÇÃO DE ARTE
Antonio Eder

DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO
Antonio Eder e Thiago do Carmo

RIGS
Thiago do Carmo e Denise Anger

ANIMATIC
Misael Alves, Gabriel Lucas e Antonio Eder

ANIMAÇÃO
Thiago do Carmo, Fernanda Mamede, Gabriel Lucas, Cynara Cypreste,Thyago Macson e Carlon Hardt

DESIGN DE PERSONAGENS
Cynara Cypreste, Thyago Macson, Tiago do Carmo e Antonio Eder

CONCEITOS E BGS
Cynara Cypreste, Thyago Macson, Her Ming, Lais Tissiani e Antonio Eder

3D
Thyago Macson

DESIGN VISUAL
Cynara Cypreste

EDIÇÃO/FX
Aluisio Barbosa

MÚSICA ORIGINAL
Vadecoo Schetini

INTERPRETAÇÃO MUSICAL
Vadecoo Schetini

TROMPETE
Marcos Aurélio Almeida

SOUND DESIGN E SUPERVISÃO DE ÁUDIO
Vadecoo Schetini

EDIÇÃO DE ÁUDIO E VOZES ADICIONAIS
Julio Muzzi, Vadecoo Schetini e Victor Willian

MIXAGEM SONORA
Beto Japa

ESTÚDIO DE ÁUDIO
Astrolábio Studio

ASSESSORIA AMBIENTAL
Joana Rizzolo

RIO DE JANEIRO

ESPERANÇA

SINOPSE

14 MIN
ANIMAÇÃO
2026

L

Esperança acompanha a história de uma menina negra de 12 anos que sonha em se tornar jogadora de futebol profissional na periferia do Brasil. Enfrentando exclusão em campo e resistência em casa, ela encontra força no legado de sua avó e dá o primeiro passo rumo a um futuro próprio.

MINIBIO DIREÇÃO

Amora Moreira se autodeclara "sampleadora visual". Grafiteira, muralista, ilustradora, colagista, apropriando-se de todo tipo de material que consome e vivência, com o objetivo de estudá-lo para a criação de algo "novo", mas que ainda assim reverencie o originário, como forma de memória. *Esperança* é a sua primeira experiência como diretora.

Marcelo Pereira é sócio e diretor executivo do Combo Studio, onde atua na criação, direção e roteirização de grandes projetos de animação, além de liderar o desenvolvimento de novas produções. Cocriador de Any Malu, personagem com mais de sete milhões de seguidores, além de showrunner e diretor do especial *O real mundo de Any Malu* no Cartoon Network & Max Latam. Produtor executivo de *Super Drags* da Netflix. Atualmente produz e codirige seu primeiro curta-metragem animado, *Esperança*.

DIREÇÃO
Amora Moreira e Marcelo Pereira

ROTEIRO
Mariani Ferreira

DIREÇÃO DE ARTE
Mário Proença

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Marcelo Pereira

MIXAGEM DE SOM
Marcelo Cyro, Fernando Ianni e Rodrigo "Funai" Costa

TRILHA SONORA
Adilson Júnior

DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO
Vitor Campos

EDIÇÃO/MONTAGEM DO FILME
Raphael Fontenelle

DISTRIBUIÇÃO
Flávia Rabachim

DIREÇÃO DE VOZ ORIGINAL
Melissa Garcia

COORDENAÇÃO
Juliana Galli

INTÉRPRETE DA MÚSICA ORIGINAL
Isabelle Machado

VOZES ORIGINAIS
Isabele Riccart (Esperança), Sarito Rodrigues (Vó Idalina), Hector Gomes (Pai), Victor Hugo Fernandes (juiz e meninos)

EMPRESA PRODUTORA
Combo Estudio Animações Ltda

PELO QUE FOI

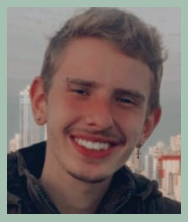
SINOPSE

8 MIN
ANIMAÇÃO
2025

L

Em uma noite solitária, uma menina em busca de seu cachorro desaparecido é transportada para um mundo mágico, onde reencontra seu amigo em uma forma inesperada. Enquanto explora esse reino lúdico, ela confronta memórias de sua vida.

MINIBIO DIREÇÃO



Recém-graduados em Design de Animação pela ESPM-RJ, os diretores têm em *Pelo que foi* o projeto de conclusão de curso e a primeira produção audiovisual do grupo.

DIREÇÃO COLABORATIVA
Julia Leite, Luís Fanzeres, Marcela Lesniczki e Rafael Sabioni

ROTEIRO
Julia Leite, Luís Fanzeres, Marcela Lesniczki, Rafael Sabioni e João Pedro Quaresma

CONCEPTS DE PERSONAGENS
Marcela Lesniczki e Julia Leite

CONCEPTS DE CENÁRIOS
Luís Fanzeres, Rafael Sabioni e João Pedro Quaresma

CENÁRIOS 3D
Luís Fanzeres Rafael Sabioni

STORYBOARD
Julia Leite e Marcela Lesniczki

ANIMATIC
Julia Leite, Luís Fanzeres, Marcela Lesniczki, Rafael Sabioni, João Quaresma

ILUSTRAÇÕES
Marcela Lesniczki

ANIMAÇÃO 2D
Julia Leite, Marcela Lesniczki, Luís Fanzeres, Rafael Sabioni e João Pedro Quaresma

ANIMAÇÃO 3D
Luís Fanzeres e Rafael Sabioni

ANIMAÇÃO EXPERIMENTAL
Theo Damasco

EDIÇÃO E COMPOSIÇÃO
Luís Fanzeres e Rafael Sabioni

TRILHA SONORA E SOM
Renan Luiz Souza de Sá

RIO GRANDE DO NORTE

MEDO DE CACHORRO

SINOPSE

10 MIN
ANIMAÇÃO
2025

L

O que são memórias? São recordações do passado ou uma ideia fragmentada de quem somos? Um jovem reflete sobre sua infância, ponderando não só seu medo de cachorros, mas a natureza do medo em si.

MINIBIO DIREÇÃO

Nascido em Belém (PA) e naturalizado em Natal (RN), **Italo** leva o nome do Rio Tapajós e logo se tornou um artista apaixonado pelo mar. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pós-graduado pela Faculdade Méliès em Animação tradicional, colaborou em diversos estúdios de animação como artista de storyboard e artista de BG. Em 2024, assinou a direção e direção de arte do curta *Medo de cachorro*, premiado pela Lei de Incentivo Paulo Gustavo, de Natal (RN). Este é seu primeiro filme dirigido.

CENÁRIO
Cynthia Liz e Italo Sharbele

CENÁRIO EM AQUARELA
Maíra Araújo

PROP DESIGN
Leticia Harumi

SETUP
Rodrigo Miguez

MONTAGEM/EDIÇÃO
Wallas Silva

VOZ ORIGINAL
Ireno Gaspar

TRILHA ORIGINAL
Otto Braga

DESENHO DE SOM E MIXAGEM
TINOC

DESIGN, PÔSTER E CRÉDITOS
Italo Tapajós e Wallas Silva

DISTRIBUIÇÃO
Italo Tapajós

DIREÇÃO E DIREÇÃO DE ARTE
Italo Tapajós

ROTEIRO
Caio Andrade

DIREÇÃO DE ANIMAÇÃO
Thaly Chrystyna

ANIMAÇÃO FRAME A FRAME
Nana Siqueira, Danila Ribeiro, Julia Nicolescu, Julio César Gomes, Amon Ribeiro, Daniel Caetano, Flávia Godoy, Fernanda Gambini, Thaly Chrystyna e João Paulo Stanzioni

SUPERVISOR DE CLEANUP
João Paulo Stanzioni

CLEANUP
João Paulo Stanzioni, Bia Dutra, Rodrigo Miguez e Alan Pinto

ELENCO
Ireno Gaspar (narrador)

EMPRESA PRODUTORA
Toró Filmes

PRODUTORA EXECUTIVA
Yumi Kyumers

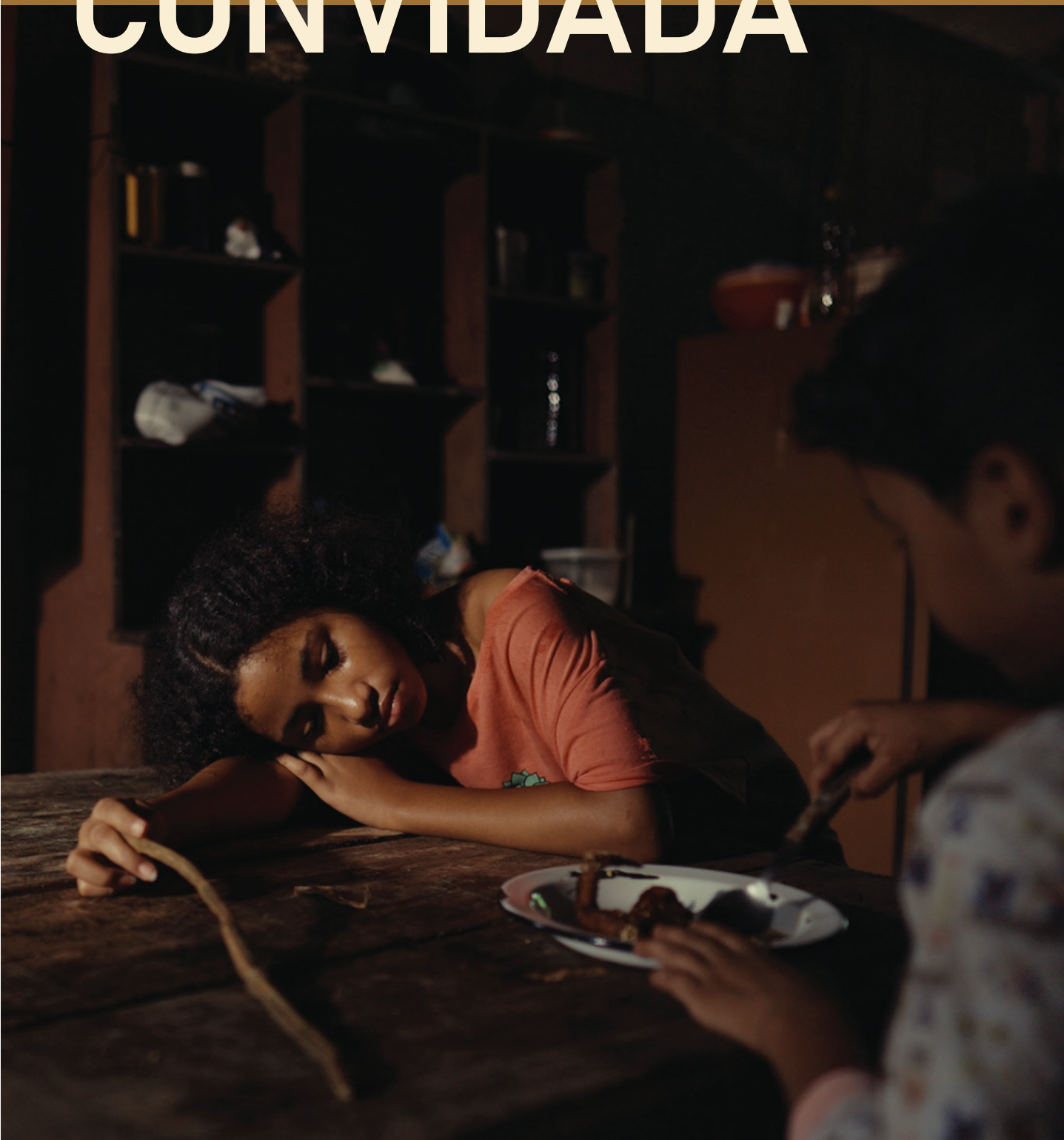
CONCEPT ART
Cynthia Liz e Italo Sharbele

CHARACTER DESIGN
Isabela Barbosa, Mariana Netto, Catarine Cândido e Gabriela Di Dio

STORYBOARD E ANIMATIC
Dani Romero

RONDÔNIA

KIKA NÃO FOI CONVIDADA



SINOPSE

Uma menina descobre que não é bem-vinda em uma festinha de aniversário. Enquanto as crianças aprendem sobre o valor de uma verdadeira amizade, elas também ensinam sobre empatia e acolhimento.

15 MIN
FICÇÃO
2026

L

DIREÇÃO E ROTEIRO
Juraci Júnior

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Fernanda Paiva

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Juraci Júnior e Géssica Castro

1º ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Géssica Castro

2º ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Ana Clara Duzanowski

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Jordan Cruz

ASSISTENTE DE CÂMERA
Kelvily Nascimento

DIREÇÃO DE ARTE
Tino Alves e Ricardo Almeida

MONTAGEM
Eduardo Resing

ASSISTENTE DE MONTAGEM
Igor Tchilian

COLOR
Rafael Souto

TRILHA SONORA
Reiner

SOM DIRETO
Verônica Brasil

EDIÇÃO DE SOM
Lucas Coelho e Verônica Brasil

MIXAGEM DE SOM
Lucas Coelho e Atelier Rural

SUPERVISÃO DE SOM
Lucas Coelho

PREPARAÇÃO DE ELENCO
Francisco Gaspar e Juraci Júnior

PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA
Anne Cleyanne

PRODUÇÃO DE SET E ELENCO
Talita Gusmão

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Jucy Campos

OPERAÇÃO DE CÂMERA
Jordan Cruz, Ederson Lauri e Kelvily Nascimento

MAQUINÁRIA
Kelvily Nascimento

ASSISTENTE DE MAQUINÁRIA
Pedro Felipe Vasconcelos

GAFFER
Gualter Tabosa

ELÉTRICA
Moisés Antônio

MINIBIO DIREÇÃO

Juraci Júnior atua como roteirista e diretor em obras de ficção e documentários, com participação ativa em festivais de cinema pelo Brasil e partes do mundo, mesas, colóquios e debates sobre a produção audiovisual contemporânea brasileira. Assina a direção e o roteiro do longa-metragem *Concerto de Quintal* (2025), das animações *Pela água, sempre!* (2025), *Nazaré: do verde ao barro* (2021) e dos documentários *Resistência* (2023) e *Águas que me tocam* (2022).

SÃO PAULO

MUNDINHO

SINOPSE

9 MIN
ANIMAÇÃO
2024

L

Um pai presenteia a sua filha com o presente mais especial de todos: um mundinho só pra ela! Enquanto ele explica para a menina como cuidar do seu companheiro, a imaginação da criança cria asas e imagina todas as aventuras que viverão juntos, de escaladas ao topo do Monte Everest até juntar a coragem necessária para pedir o próprio sorvete na sorveteria da esquina.

MINIBIO DIREÇÃO

Gui Oller, **Pipo Brandão** e **Ricky Godoy** fundaram a Motim Criativo, um hub de soluções audiovisuais nascido do sonho e da paixão de três ex-funcionários do Cartoon Network por contar histórias cativantes. A missão do estúdio é gerar entretenimento, descobrir novas perspectivas e técnicas, além de trazer frescor e originalidade para o mundo do audiovisual e do storytelling. Eles querem espalhar mensagens positivas com humor, sensibilidade e transparência, e deixar sua marca, transformando o mundo em um lugar mais divertido. Juntos, Gui Oller, Pipo Brandão e Ricky Godoy dirigiram *Mundinho* (2024), curta-metragem infantil selecionado para dezenas de festivais nacionais e internacionais. Além disso, já atuaram com grandes clientes como Netflix, Warner Bros Discovery, Crunchyroll e Hospital Alemão Oswaldo Cruz.

DIREÇÃO
Gui Oller, Pipo Brandão e Ricky Godoy

ELENCO
Alfredo Rollo

EMPRESA PRODUTORA
Motim Criativo

ROTEIRO
Gui Oller e Ricky Godoy

PPRODUÇÃO E PRODUÇÃO EXECUTIVA
Gui Oller

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA, DIREÇÃO DE ARTE E STORYBOARD
Pipo Brandão

MONTAGEM
Ricky Godoy e Carine Andres

TRILHA SONORA, DESENHO DE SOM E MIXAGEM
Fernando Cañedo

TRATAMENTO DE DIÁLOGOS, ASSISTENTE DE EDIÇÃO DE EFEITOS SONOROS
Camila Cruz

DIRETOR DE ANIMAÇÃO E ANIMAÇÃO
Henrique "Deike" Vecchio

ANIMAÇÕES COMPLEMENTARES
Carine Andres

ASSISTENTE DE ARTE
Camila Mogyca

DISTRIBUIÇÃO
Pique Filmes

ESTADUAL

DESTAQUE PANORAMA

ACRE
Mercado de Histórias
Alcinethe Maria Cavalcante Damasceno

ALAGOAS
Dança pela cidade
Rosana Dias

BAHIA
Entre a caneta e o poder mulheres no jornalismo da Bahia
Daniel Talento

DISTRITO FEDERAL
De Codó a Ceilândia
Gu da Cei

ESPÍRITO SANTO
Um rio não é
Amanda Miranda e Yurie Yaginuma

MARANHÃO
Amo de Marés
Nicolle Machado

MATO GROSSO
Cabeça de Pacu
Vitória Molina

MATO GROSSO DO SUL
Coragem
Pedro Alvarenga

MINAS GERAIS
Cadeira Vazia
Alunos da oficina Vem aqui criar um filme – Alto Vera Cruz

PARÁ
Boiuna
Adriana de Faria

PARAÍBA
O Ponto do Mel
Mirian Oliveira

PARANÁ
O Caçador
Lucas Mancini

PERNAMBUCO
O Carnaval é de Pelé
Lucas dos Santos e Daniele Leite

RIO DE JANEIRO
Cheiro de diesel
Gizele Martins e Natasha Neri

RIO GRANDE DO NORTE
Pupá
Osani

RONDÔNIA
A lasca
Valdete Sousa

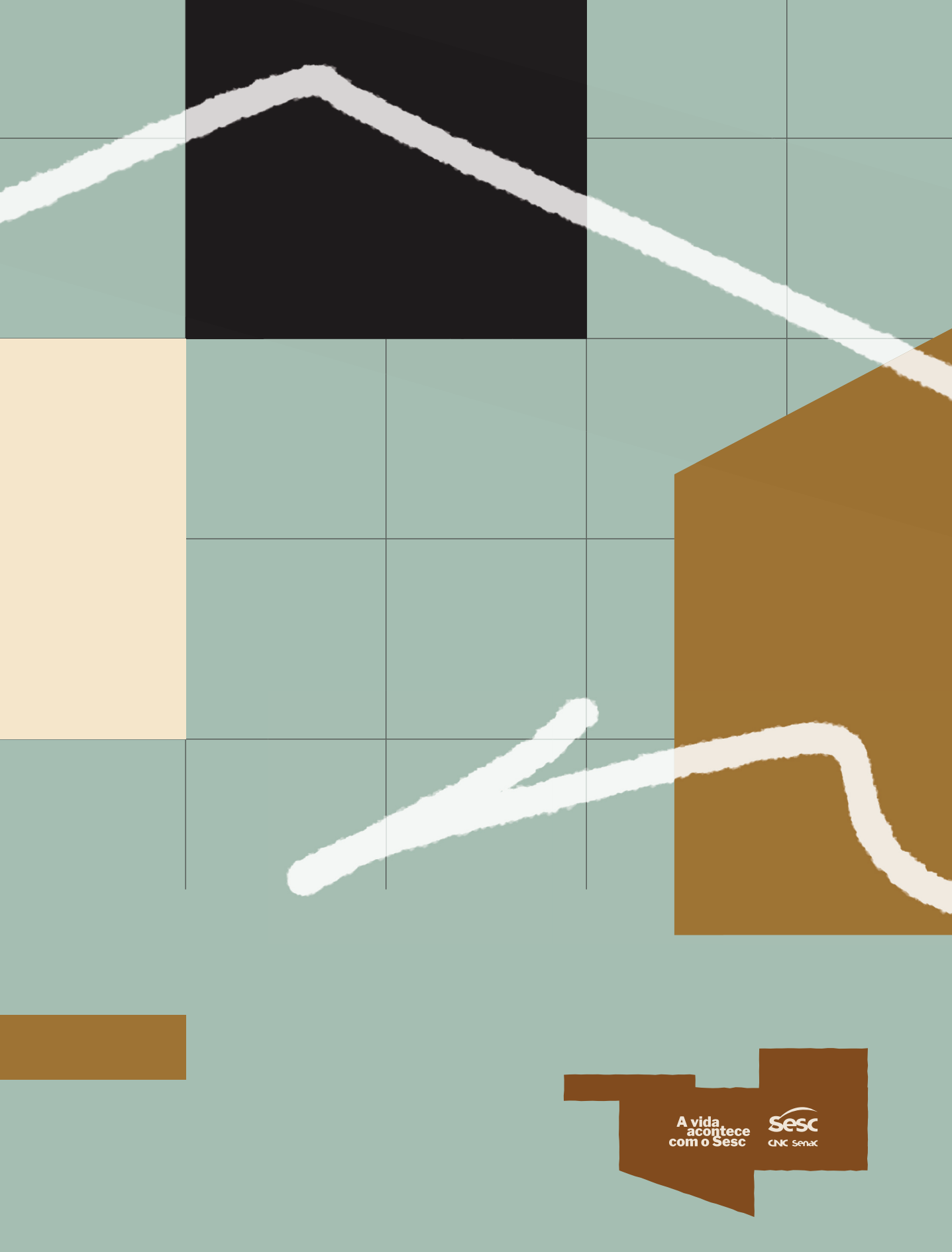
RIO GRANDE DO SUL
Quando a Gente Menina Cresce
Neli Mombelli

RORAIMA
No Limite do Lavrado
Alex Pizano

SANTA CATARINA
Desvios Naturais
Rafaella Narciso

SÃO PAULO
Replikka
Piratá Waurá e
Heloisa Passos

TOCANTINS
O Match
Gabriela Maia


A vida acontece com o Sesc
Sesc
CNC Senac